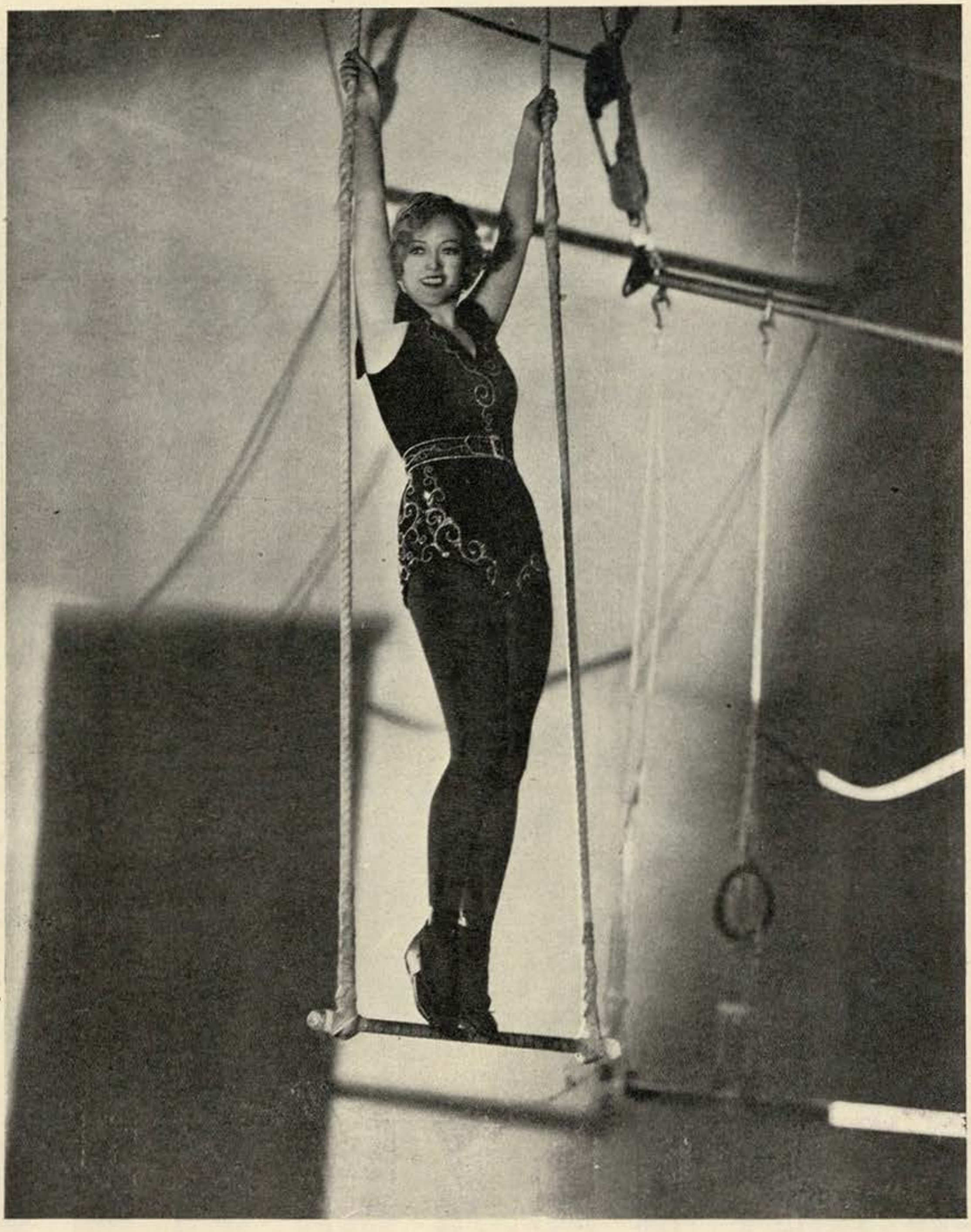
5/



ANIMATÓ GRAFO

DIRECTOR-ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 7 • 1$50



O QUE E' FEITO DE MARION DAVIES?

A conhecida estrêla-milionária, a protegida do francófobo Hearst, não tem ·aparecido ùltimamente nas telas portuguesas. O último filme em que a vimos foi «O Pai Celibatário», com o excelente Aubrey Smith, já vai para dois anos. E' certo que não tem interpretado muitos papéis de então para cá. Faltam contudo à chamada *Daughters of Luxury*, *Polly of the Circus*, *The Blondl of the Follies* e *Peggy O' My Heart*. E' um atrazo que não se justifica e que impacienta os seus admiradores.

Na capa: ANNABELLA E O SEU REFLEXO

página do OLAVO



Jean Parker vestida com as suas melhores pernas e a sua blusa mais pérfida

Não te desconsoles. Também eu fiquei chumbado no liceu e também os meus pais me empregaram no comércio depois de considerarem que o menino era uma besta e que não havia mais nada a fazer senão pô-lo num Banco a praticar. Tu conservas ainda hoje o teu emprêgo e fazes bem porque não há nada como ter um ordenado certo no fim do mês e um futurosinho modesto mas garantido.

Eu tive menos sorte.

Convenci-me que tinha vocação para artista e, essa frouxa ilusão levou os meus patrões ao extremo de me despedirem porque eu estava sempre distraido a ruminar formidáveis peças de teatro que felizmente nunca cheguei a escrever. Depois, como qualquer pessoa que falhou um curso superior e despresou o comércio, enveredei pelo jornalismo de que escolhi o ramo cinematográfico que segundo, observaste já, é uma coisa muitíssimo fácil e pictoresca. Tem apenas um inconveniente: a falta de assunto.

Numa terra destas onde não acontece coisa alguma que valha a pena contar, os jornalistas cinematográficos passam a vida a fazer biografias inéditas de Greta Garbo e a repisar sôbre a velha relutância do Charlot cont a o cinema falado, na esperança de que, entretanto, caia do céu, como feroil aguaceiro em seara ressequida, um assuntosinho qualquer, susceptível de render uma boa meia dúzia de artigos, que se distingam, ligeiramente que seja, das biografias de Greta Garbo e das afirmações charlotescas. Está provado que êsses milagres só animam as redacções uma vez por ano. Ultimamente, depois do delírio da «Severa» e do entusiasmo da subscrição nacional para a construção do estúdio, o concurso da C. P. F. S. e a próxima rialização da Canção de Lisboa, representam o mais recente exemplar dos tais milagres. Como podes calcular os jornalistas cinematográficos estão contentíssimos e não sabem o que hão de fazer para esmifrar o assunto até à sua mais insignificante espinha. A redacção de Animatógrafo está em pleno transe. Todas as reportagens nos parecem pouco reveladoras, todas as fotografias nos parecem insuficientes. Andamos num rodopio, telefonamos para tôda a gente, indagamos por todos os lados e estamos contrariados porque não conseguimos ainda radio-o cérebro de Cottinelli Telmo para publicar.

Essa inquietação muito justificável e desculpável, levou já um dos nossos melhores amigos a fazer tentativas para nos serenar. Garantiu-nos que os jornalistas devem colaborar com a sua discrição, para o bom êxito do filme do Telmo. Deviamos ser prudentes, discretos...

Não concordo e ninguém pode concordar. As qualidades que se devem exigir dum bom jornalista são exactamente contrárias à actual maneira de vêr do nosso amigo. Um jornalista prudente e discreto é um jornalista falhado. Prudência ainda pode ser um têrmo bastante sofismável neste caso mas discrição é incompreensível da parte dum jornalista. Ora eu, pelo menos, que fiquei chumbado no liceu e relaxei a minha carreira comercial não quero agora por uma questão vaga de discrição e prudência, sugerida por um amigo, deixar de seguir o caminho que me parece mais razoável, dentro da lialdade, e assim falhar mais uma profissão que, desta vez, me parece absolutamente simpática.

Se não fôrmos imprudentes e inconfidentes, como havemos nós de interessar os nossos leitores que pagam quinze tostões para lêr uma revista interessante que lhes faça inconfidências acêrca das produçõs da C. P. F. S. que é a rialidade que êles sentem mais próxima dos seus sonhos!

E' incontestável que os comunicados oficiais fornecidos pela publicidade da Tobis Portuguesa, não podem interessar aos leitores dum semanário cinematográfico, por muitas razões mas principalmente por se tratar de pequenas notícias que, além de lacónicas, são publicadas pelos jornais diários, à medida que vão aparecendo. Um leitor de revistas quere saber tudo tal qual se passou, com a mais larga sugestão de ambiente e o menos restrições possivel. O cinéfilo encartado, leitor assíduo de toda a literatura da especialidade, quere estar ao facto dos detalhes mais secundários do dia a dia da C. P. F. S. para a formação da qual concorreu na devida altura com o seu dinheiro que trocou por acções.

A sua curiosidade é natural e nós temos o dever de satisfazê-la. Se o não fizermos, os nossos cinéfilos ver-se-ão obrigados (e não lhes podemos querer mal por isso apezar do vexame que representa para nós) a recorrer aos jornais diários que têm os mesmos recursos de informação com a esmagadora vantagem da rapidez.

Como estão vendo, êste artigo é absolutamente estéril e não se destina a coisa nenhuma. Se tivesse qualquer utilidade ou qualquer intenção definida, já o teria destruído para não ser publicado, por distração. Fazer coisas úteis ou definidas é sensato, mas triste.

*

Tomara eu agora que estas opiniões que apresento, de aspecto profissional, não sejam tomadas a sério ou a brincar. Devem ser tomadas como uma chavena de chá que nem entristece nem faz rir. Quem me conhece já sabe que eu, na rialidade, não sou um profissional e que provávelmente nunca o serei.

As minhas opiniões sôbre profissionalismo são tão sentidas como as lágrimas dos bebados.

O ideal é não tomar nada a sério. Só vale a pena tomar a sério os banhos de mar.

OLAVO

Os cómicos IV



Os Irmãos Marx

Mieux est de ris que de larmes escrire
Pour ce que rire est le propre de l'homme

RABELAIS

Já o dissemos: «Os Marx andam na terra por acaso, caídos eu sei lá de que estranho planeta. Nenhum dos seus gestos tem qualquer sentido lógico ou humano; as suas reacções ficam para lá da loucura».

Efectivamente, a característica inconfundível dêsse quarteto de artistas espantosos que o fonocinema nos revelou é a sua perentória e ostensiva *deshumanidade*. Nêsse particular foram mais longe do que quaisquer outros cómicos do ecran, incluíndo o próprio Chaplin. As personagens que criaram são exclusivamente cinematográficas, próprias do cinema e só possíveis de criar por suas mãos. Charlot, filho primogénito do cinema, tem afinidades literárias evidentes. É o *schlemil*, o judeu errante e desgraçado, o pobre-diabo à maneira de Dostoiewsky ou de Dickens. Os Marx, que usam o apelido dum judeu famoso, não têm parentes na literatura. Só com muito boa vontade é que poderiamos aproximá-los de certos heróis de Cami. Têm, como êles, a *loufoquerie*, a impropriedade, o ar *fóra-de-tudo*. A única coisa que nêles é normal — é a anormalidade. Se qualquer dêles diz: — Tenho uma ideia!, podemos ter a certeza de que ela, não só não ocorreu nunca a ninguém, como é o mais tremendo disparate que em semelhantes circunstâncias era possível lembrar.

O mais formidável é que o cinema permite aos Irmãos Marx pôr em prática os seus projectos mais destrambelhados. Onde Cami se limita a narrar, os Marx executam. E não é possível descrever a série de situações fantásticas em que, por sua vontade, se colocam.

Sêndo todos diferentes, os quatro Marx estão ligados por um autêntico cordão umbilical de estravagância e despropósito. São quatro *clowns*, quatro palhaços. Melhor: são quatro fantasmas de palhaço. Mas, pelo amor das coisas e das gentes! Não insistam em ligar à palavra palhaço o desprêso e a inferioridade habitual. Pois ainda não compreenderam que o circo é o espectáculo mais leal e mais completo que pode oferecer-se, e que o palhaço é o rei incontestável dêsse mundo de coisas sôbre-humanas?

Os Irmãos Marx vieram-nos do circo e do seu irmão mais novo, o *music-hall*. Pertencem à linhagem dos grandes excêntricos-musicais (que lindo título para um artista!), dos grandes clowns. Sustentam todas as comparações com Medrano, Tom Tit, Antonet, Walter, Bébi, Teddy e Grock.

Os quatro Marx têm quatro nomes — Harpo, Groucho, Chico e Zeppo — e cada um dêles uma personalidade e um talento especial.

Harpo é o doido por excelência, o foragido de todos os princípios da razão, de todos os ditames da moral, de todas as leis da física e da história.

Só obedece ao instinto da conservação e ao do sexo. Ambos o incitam a correr: o primeiro diante de tudo o que lhe cheire a autoridade e a domínio; o segundo atrás de todas as raparigas bonitas que lhe passam em frente do nariz. E arregala os olhos, lambe os beiços, estende atrevidamente as mãos — e desembesta, com um entusiasmo animal.

Harpo Marx tem uma cabeleira simbólica de fauno. Anda com um grande chapéu alto amachucado, onde mete tudo quanto apanha a jeito. Usa uma bengala com um castão-buzina, que ainda toca.

Toca harpa como um deus. Daí lhe vem o nome, certamente. A música transfigura-o. As suas mãos ferem graciosamente as cordas dêsse divino instrumento, que só os tôlos julgam reservado às meninas prendadas que os pais educaram à antiga. E é prodigioso o contraste entre a linha hierática, elegante, da harpa e a silhueta descomposta de Harpo, o trapalhão.

Chico toca piano. Melhor: brinca com o piano. Descobriu um *gag* inédito e notável: há notas que êle *dispara*, com o indicador da mão direita, com um ar desabusado, distraído — mas sempre, sempre a compasso. Pouco mais faz. É certo que é êle o animador duma das mais espantosas cenas do repertório Marx: a demonstração das fôrças de Harpo, para convencer um *gangster* a tomá-lo como guarda-de-côrpo, e em que Chico serve de vítima voluntária e entusiasmada (*Agulha em Palheiro*). O mais característico da sua indumentária é o chapéu — calote com abas que lhe carrega as feições, salientando-lhe os fortes maxilares.

Groucho é o que usa óculos e bigode. Com aquela cara de funcionário público é dos de pior raça. O seu descaramento ultrapassa todos os limites. Ostenta sempre um ar autorizado, entre o médico e o *businsseman*. Mas, de repente, sem tir-te nem guar-te, começa a dansar o tango argentino ou a dar lições de ginástica sueca! E escusado é dizer que não larga o charuto.

Zeppo é o menino-bonito da quadrilha. Só dansa, com a vulgaridade das pessoas bem-educadas, o banalíssimo fox-trot. Só toca — os corações.

Pratica o flirt com aplicação e eficiência. Não se distingue à primeira vista do comum dos mortais, mas também tem pancada na bola, para não deshonrar o apelido.

Como todos os artistas do ecran, em especial os cómicos, os Irmãos Marx provocaram tôda uma literatura, em que as suas atitudes e os seus feitos são minuciosamente analizados à luz fria da análise crítica. Os *surréalistes* franceses — *les camelots du surri!...* — apossaram-se das suas obras, filiando-as na doutrina estravagante do *Poisson soluble*. Os populistas arrazaram-nos em artigos medulosos e nebulosos, parafraseando a exclamação indignada de André Suarez: «O coração ignóbil de Charlot, quizera esmagá-lo como um percevejo!» E não sei se chegou a haver algum Topsius de Universidade alemã que escrevesse um ensaio àcerca da meningite que Harpo Marx teve com certeza aos quatro anos...

Em nosso entender, os Marx não toleram análises, nem críticas, nem coisa alguma que cheire a estopada.

Harpo, Chico, Groucho e Zeppo desafiam com as suas tropelias a humanidade pacata e estabelecida. Adolfo Casais Monteiro viu muito bem o único filme dos Marx que até à data foi exibido em Portugal: *Agulha em Palheiro*. Se algum defeito tem é exactamente essa «incompleta audácia na poesia do absurdo». A culpa é, como muito bem diz o crítico coimbrão, do realizador e do cenarista. O que fariam com os quatro Marx os *gagmen* habituais de Harold Lloyd!... Além de *Monkey Business* mais dois films dos Marx estão à bica! *Animal Crackers* (Os Galhofeiros) e *Horse Feathers* (Plumas de cavalo). Esperamos vê-los brevemente, assim como esperamos o *Whopee*! e o *Kid from Spain* de Eddie Cantor. Dos *Cocoanuts* vimos um bom resumo a que se deu este título indignante: *Cabeças de Côco*.

Sabem porque razão ainda não os vi os? porque o público português não gosta dos Marx! Prefere a lógica, sensaborona e fedorenta, mãi espiritual do Conselheiro Acácio.

Cavaleiros da loucura, paladinos da imaginação, os Irmãos Marx são a própria negação da lógica. Daí lhes vem o génio e é por isso que estão no cinema como em sua casa.

BALTAZAR FERNANDES



Harpo Marx e uma das suas comparsas em Monkey Business

PLANO GERAL

Produção portuguesa

O sonho de todos os portugueses que se interessam por cinema é, muito naturalmente e desde sempre, ver produzir filmes portugueses em Portugal. Esta preocupação, além de patriótica, é inteligente. Os portugueses compreenderam muito cedo a importância do cinema como instrumento de propaganda, sentindo e admirando a sua fôrça expansiva. Atestam-no numerosos e inflamados artigos publicados em antigas revistas da especialidade — há-as desde 1915! — em que se prega, com argumentos fortes, a necessidade de criar uma indústria cinematográfica nacional.

Se é certo que somos povo de inteligência viva e fácil apreensão, também é infelizmente verdadeiro que, preguiçosos por natureza e hábito, sempre tardamos em transformar em realidade os nossos projectos mais caros. O sonho dum cinema nacional é um projecto duplamente caro... Talvez por isso só agora, em 1933, êle começa a tomar consistência e forma, deixando-nos prever um futuro mais lisonjeiro que o passado. Mas temos pouca sorte. O problema da produção cinematográfica portuguesa nunca foi tão difícil de resolver. A conquista dos sons, enriquecendo extraordinàriamente o espectáculo cinematográfico, complicou as coisas na proporção de 1 para 10, tornando quási proïbitiva, pelo seu custo, a realização de filmes.

Mas os portuguêses não temem as dificuldades, antes as apreciam. E, renovando o feito heróico dos seus antepassados, partem com denodo à descoberta do fonocinema, embarcados em frágeis caravelas. Confiemos contudo no seu instinto de nautas esforçados. O cinema português será um facto. Cuidemos pois da sua qualidade.

Se olharmos para o «palmarés» das tentativas anteriores, o panorama que se disfruta não é brilhante. Cinco merecem referência, mais pela continuidade que pròpriamente pelos méritos: a da Invicta Filme (A Rosa do Adro. Amôr de Perdição O Primo Basílio, Os Fidalgos da Casa Mourisca, Mulheres da Beira, *etc.); a da Pátria Filme* (O Fado, Malmequer); *a de D. Virginia de Castro e Almeida, a primeira que teve alcance internacional* (A Sereia de Pedra, Os Olhos da Alma,); *a de Rino Lupo, que conseguiu um notável êxito comercial* (Os Lobos. Fátima Milagrosa, José do Telhado); *e a série de Leitão de Barros, a primeira em que é possivel discernir uma tendência e um estilo* (Nazaré, praia de pescadores, Lisboa, Maria do Mar *e* A Severa).

Parodiando o subtil D. Francisco Manuel, poderemos dizer: Da infelicidade da composição, erros de técnica, e outras imperfeições dos filmes, não há que dizer-vos: vós os vistes, vós os castigastes... Tratemos de julgar o que aí vem.

Com a forma duma sociedade anónima, fundou-se em Lisboa há pouco mais de um ano a Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm. Adquiriu bom material de tomada de vistas e de sons, está construindo um pequeno estúdio com todas as condições exigidas pela técnica moderna, e prepara a realização da «Canção de Lisboa». Mas ignora-se por enquanto quais são as suas intenções, os seus projectos, no sentido de fornecer ao público português, com regularidade, filmes falados na lingua em que falamos. Quanto à ambição justíssima de conquistar o mercado estranjeiro parece que não consta do programa dos seus dirigentes, a avaliar pelas caracteristicas rigorosamente alfacinhas da sua primeira produção.

Ora quere-nos parecer que, dispondo dos meios que a C. P. F. S. T. K. tem ao seu alcance, não seria utópico tentar produzir alguma coisa susceptivel de interessar o público dos outros paises, sem prejuizo do seu interêsse nacional. Com igual dispêndio de esfôrço e de dinheiro produzir-se-ia obra mais útil e valiosa. É certo que a Tobis Portuguesa, como lhe chamam, ainda está a tempo de emendar a mão.

António Lopes Ribeiro

Panorâmica

O argumento

O Cottinelli Telmo pediu-nos para não publicarmos por enquanto o entrecho da «Canção de Lisboa», que êle de resto não nos contou ainda, com o injustificado receio de que uma excessiva publicidade venha a prejudicar o interêsse do seu filme. Mas nós, que temos alma de traidores, resolvemos publicar, não o entrecho completo nem nada que se pareça mas apenas um esqueleto muito esquelético do assunto. Além disso «A Canção de Lisboa» vive mais dum conjunto movimentado de «gags» inimagináveis do que pròpriamente duma acção bem vincada e definida.

A personagem de centro, um estudante boémio, interpretado pelo Vasco Santana, vive em Lisboa à custa dumas tias velhas de Traz-os-Montes e esforça-se por tirar muito lentamente o seu curso de medicina. Faz distúrbios constantes e as tias acabam por ter conhecimento de que êle as engana da maneira mais vergonhosa e resolvem vir até Lisboa pôr tudo em pratos limpos. As tias que não são para brincadeiras retiram ao gordo estudante a protecção que dispensavam. Grande desgôsto, etc, mas tudo acaba em bem com a fatal reconciliação. Isto é, como estão vendo, o ténue fio que estabelece a ligação do filme. O que tem interêsse, como é óbvio supôr, é a colecção de estranhos incidentes que surgiram da fabulosa imaginação do Telmo para movimentar a «Canção de Lisboa».

O filme principia com a canção *leit-motiv* que lhe deu o nome, conduzida pictorescamente por um caprichoso *décuopage*.

Uma das cenas mais movimentadas e cómicas passa-se no Jardim Zoológico, onde o Vasco sofre os mais complicados precalços com toda a espécie de bicharada. Outra cena também, de grande efeito cómico, decorre numa ca-a de fados onde o estudante se embebeda e canta mais uma vez, alcoolicamente, a «Canção de Lisboa», com um possível côro dos fadistas presentes. E agora, alto! por hoje. Se continuamos a dizer tudo, a traição é completa e isso é que já não vale.

A 2.ª corporativa

Na quinta feira passada realizou-se no Central a segunda apresentação corporativa organizada pela Agência Cinematográfica H. da Costa Lda.

Exibiu-se o célebre filme da U. F. A. «A Imperatriz e Eu», realizado por Friederich Holländer, com Lilian Harvey, Charles Boyer, Pierre Brasseur, etc... que foi entusiàsticamente recebido pela escolhidíssima assistência de cinéfilos puros.

Os assinantes de «Animatógrafo» tiveram como da primeira vez entrada gratuita mediante a simples apresentação dos seus cartões de assinante.

Temos a reconhecer a maneira simpática como os nossos assinantes e muitos convidados procederam durante a apresentação de quinta feira; outra coisa, de resto, não seria de esperar. Já não podemos dizer o mesmo de alguns convidados que passaram a tarde a rosnar umas coisas sôbre o filme, fazendo insinuações idiotas. Não queremos discutir o caso porque não vale a pena. Limitamo-nos apenas a salientar o pasmo que o gesto nos causou, porquanto nos tinha constado de fonte segura que a Agência H. da Costa foi rigorosíssima na escolha que fez dos seus convidados. A Agência H. da Costa convencera-se, erradamente afinal, que só tinha convidado para a apresentação corporativa da «Imperatriz e Eu» pessoas indiscutivelmente educadas e inteligentes.

Impostos

O aumento dos impostos sôbre as receitas dos espectáculos cinematográficos, veio alarmar, com muita razão, as empresas exibidoras de Lisboa e Porto.

O negócio da exibição de filmes que já não estava muito florescente com os naturais efeitos da crise, foi sèriamente amachucado com êste último contratempo.

Os empresarios já protestaram mas não conhecemos ainda o resultado prático dos protestos. Se as reclamações não forem atendidas, qual será a defesa adoptada pelas firmas exibidoras? A primeira solução, a mais óbvia, será o aumento dos preços o que naturalmente contrariará muito os espectadores.

O negócio cinematográfico não navega pròpriamente em maré de rosas. Não nos explicamos portanto a medida intempestiva, exactamente quando se devia proteger por todos os meios, um espectáculo que vai seguir finalmente a moda política, nacionalizando-se.

E' com certeza a altura menos oportuna.

A vedeta

Quando, no concurso da C. P. F. S. foram selecionadas as dezasseis raparigas que já apresentamos aos leitores de «Animatógrafo», tinha ficado bem definido que nenhuma delas faria qualquer dos dois primeiros papeis femininos.

Fizeram-se aturadas pesquizas no sentido de encontrar qualquer jóvem que satisfizesse um pouco mais as exigências artísticas do Telmo e dos seus colaboradores; mas foi tudo inútil. Dir se-ia que os estrangeiros chucham conosco ao afirmarem, como afirmam a todo o momento, que as portuguesas são as mulheres mais bonitas e mais interessantes da Europa.

Parece que o Telmo acabou por dizer como o velho da fábula: «Rapaz vamos como dantes! e tudo voltou ao princípio, parecendo, finalmente, que as dezasseis escolhidas vão ser peneiradas outra vez na esperança de que fique alguma entalada na rêde.

Sonho e realidade

Houve um tempo em que ser cinéfilo era o mesmo do que ser sebastianista. A esperança de vir a fazer cinema era tão vaga, tão *floue* que chegava a ser cómica. Mas agora não. Agora já vale realmente a pena ter esperança. Há a Tobis Portugueza que já realizou até agora vinte e tantos sonhos de cinéfilos, há a produção portuguesa anunciada por H. da Costa e há ainda as possíveis surprezas que êstes dois fortes exemplos poderão provocar. Nunca se sabe.

Actualidades Mundiais

A VIDA INTIMA DE TODAS AS ESTRELAS

INFORMAÇÕES DE TODOS OS ESTUDIOS

GRETA GARBO

VAI GANHAR DEZ MIL E QUINHENTOS CONTOS por FILME!

O novo contrato de Greta Garbo com a Metro, do qual tanto se tem falado nestes últimos meses, chegando-se a dizer que aquela emprêsa não desejaria satisfazer as exigências da estrêla sueca quanto ao seu salário, acaba de ser assinado e tornado público. Segundo êle, Greta Garbo receberá, para interpretar dois filmes por ano, a sôma de setecentos mil dolares nesses dose meses, isto é 350 mil dolares por filme, ou seja por tres ou quatro semanas de trabalho!

Todavia parecerá á primeira vista uma autêntica loucura o facto dos dirigentes da sua emprêsa a presentearem com semelhante salário. No entanto, feitas bem as contas, tal não sucede. Assim, estando o custo total do seu próximo filme, *Rainha Christina*, calculado em 500 a 800 mil dolares—incluindo nele já o seu salário, 350 mil dolares — espera-se que as receitas, atendendo ao facto de Greta ser um esplêndido atractivo de bilheteira, subam a cêrca de dois milhões de dólares. Sendo assim, com um rendimento dessa ordem, calcula-se que os chefes da Metro não tenham mostrado grande relutância em conservarem Greta Garbo no seu elenco, ainda que para isso a tivessem de mimosear com semelhante, e quasi escandaloso ordenado...

CAMILLA HORN

triunfa em Inglaterra

Camilla Horn, a modesta costureirita dum *atelier* de Berlim que um unico filme bastou para celebrizar, —foi ela a inolvidavel Margarida de *Fausto*, a óbra admirável de Murnau — não encontrou na América, no tempo que por lá se conservou, grande oportunidade de marcar uma situação.

Na Alemanha também, talvez para não ser desmentido o adágio que diz que «santos de casa não fazem milagres», não foi mais feliz, porquanto apenas num unico filme apareceu depois da sua chegada á Europa, há dois anos.

A Inglaterra, pelo contrario, recebeu Camilla Horn de braços abertos. Depois de ter interpretado *The Return of Raffles* e devido á sua excelente atuacção neste filme, a B. I. P., das mais importantes emprêsas productoras inglesas, assinou com ela um contrato de longa duração. Para a British vai Camilla Horn interpretar agora *Matinée Idol*.

NORMA E O MARIDO ESTÃO NA EUROPA



Norma Shearer, que além de artista talentosa é tambem quer no cinema, quer fora dele uma das mais elegantes mulheres de Hollywood, chegou há pouco, como já noticiamos num dos nossos numeros anteriores, à Europa acompanhada de IrvingThalbergs en marido,e duma filinha, em gôso de alguns meses de férias, a maior parte das quais será passada na Alemanha, onde Thalberg vai fazer uma cura de repouso.

E' a sua chegada ao Havre, a bordo do «Berengaria» que a nossa fotografia reproduz. Nela se pode notar o elegante fato de viagem de Norma, que detem, sem favor, o invejável titulo da mulher americana que mais bem se sabe vestir. Noutro lugar publicamos um artigo para o qual chamamos a atenção do leitor, em que Norma faz curiosas revelações sôbre a sua posição no cinema e outros factos interessantes da sua vida.

WALT DISNEY

e os seus novos desenhos coloridos

Walt Disney, o mago extraordinário do desenho animado, o criador do célebre Mickey e dessas pequenas maravilhas que são as «Sillie Symphonies», iniciou recentemente a realisação de desenhos animados coloridos.

O primeiro filme colorido da série das «Sillies» intitulou-se *Flowers and Trees* (Arvores e Flores) e com êle alcançou Disney um prémio especial de Academia Americana do Cinema.

Ao segundo dêsses desenhos saído dos estúdios de Walt Disney intitulado *King Neptune*, seguiu-se agora um outro, terminado há semanas e a que foi posto o título de *Birds in Spring* (Aves na primavera), o qual segundo a opinião da crítica americana é dos três, o mais feliz e o mais perfeito.

MIRIAM HOPKINS

NUM FILME DE KING VIDOR

King Vidor, que continua sendo um dos mais vigorosos encenadores que conta o cinema americano, depois de uma longa ausência dos estúdios de Culver City acaba de deixar Radio, para quem ultimamente dirigira vários filmes, e ingressar na Metro. Para esta empreza vai dirigir *Strangers Return*, extraído do romance homónimo de Phill Strong, que é também o autor do respectivo scenário. Na sua distribuição estão incluidos os nomes de Lionel Barrymore, Franchot Tone, um nôvo galã que está agora sendo muito falado, e Miriam Hopkins.

HARRY CAREY

vai interpretar um novo filme

Harry Carey foi, tal como Monroe Salisbury, ha-de haver uma dúzia de anos, um dos artistas mais queridos das plateias populares.

Os frequentadores do Central dessa época decerto não esqueceram a figura máscula e vigorosa de *Cayena* —era sob êste nome que Carey era conhecido da rapaziada do tempo.

O veterano Harry, que nestes ultimos tempos raramente tem sido utilizado pelos produtores do seu país — vimo-lo apenas em *Senda de 98* e *Trader Horn* — vai agora ser o protagonista dum *western* que a Paramount vai realizar, *Sunset Pass*, extraído da novela homónima de Zane Grey, o escritor americano cujos romances decorrem sempre no oeste americano.



Já se sabe o nome do segundo filme americano de

Lilian Harvey

Lilian Harvey logo que esteja concluida a sua primeira pelicula para a Fox, *My Lips Betray* no qual tem como parceiros John Boles e El Brendel, começará a interpretar um novo filme intitulado *My Weakness*, que se poderá traduzir por *O meu fraco*. O «fraco» de Lilian! O que será?...

Flashes

Segundo consta, a Fox dispendeu no arranjo e decoração do camarim de Lilian Harvey nos estúdios daquela empresa — a melhor dependência que neles havia — cêrca de cinco mil dolares.

■ Frederic March, a exemplo de alguns dos seus camaradas como Wallace Beery, Ben Lion, Douglas Fairbanks Jor. pensando em adquirir um avião para uso pessoal, está tomando lições de vôo.

■ Polly Moran a conhecida comediante que temos visto em tantos filmes da Metro, deixou esta emprêsa para ingressar como artista numa companhia de rádio, com o ordenado de 3.500 dolares por semana.

■ *O ouro dos mares* é como se intitula o filme de Epstein recentemente terminado, o qual se passa inteiramente na ilha de Hoedic, na Bretanha, sendo os intérpretes habitantes dessa região.

■ Mais outro filme de vedetas está sendo realizado nos estúdios de Culver City. Intitula-se *Night Flight* (Vôo Nocturno) e dele são intérpretes John e Lionel Barrymore, Helen Hayes, Clark Gable, Myrna Loy, Ben Lion, Frank Morgan e Franchot Tone. Clarence Brown é o realizadór.

■ Eleonor Boardman acaba de se divorciar de seu marido, o encenador King Vidor.

■ Alice Joyce, que foi uma das primeiras grandes vedetas que o cinema americano possuiu, nos tempos heroicos da Vitagraph de 1915, casou-se agora com o encenador Clarence Brown. Tanto um como o outro é a terceira vez que se casam.

■ Janet Gaynor, logo que *Adorable* esteja completamente terminado, irá interpretar com o actor inglês Leslie Howard por *leading-man*, o filme da Fox *Paddy-The-Next-Best-Thing*.

■ Tay Garnett, o excelente realizador de *Um Valente* está actualmente na Suissa procedendo á filmagem das últimas cenas do filme *O. S. Iceberg*.

■ Flerelle e Lolita Benavente, artista espanhola, são as primeiras figuras femininas do filme de Maurice Champreux *Le Grand Bluff*.

3 Entrevistas

num pé só

com três das mais bonitas intérpretes da «Canção de Lisboa»



Élvia Coutinho

Damos-lhes hoje três retratos em tamanho que só não é natural porque não pode ser e três entrevistas despretenciosas com três das mais bonitas raparigas que vão interpretar «A Canção de Lisboa» sob a direcção inteligente de Cotinelli Telmo.

E' claro que não têm grandes coisas para dizer ao público...

Não estudaram ainda como as grandes *vecêtas* internacionais, o gesto, a *pose* e as duas ou três frases ditas negligentemente ao ***reporter*** com o ar soberano das imperatrizes — as frases que hão-de ficar para a história...

Não. Estas pequenas são simples, anónimas raparigas que um grande e lindo sonho atirou para o cinema.

Foram a um concurso sorrindo e sonhando.

Ficaram aprovadas.

E agora, frente ao *repórter* que as olha com simpática benevolência, elas fitam nos surpreendidas, sorriem enleadas, torcem o lencinho entre os dêdos pequeninos, baixam os olhos e preguntam numa aflição cómica:

—Mas o que hei-de eu dizer?



Corália Escobar

E' evidente que o ***repórter*** habituado a entrevistar grandes e pequenos senhores e até mesmo senhores sem tamanho nenhum, foi pondo-as à vontade, foi fazendo um nadinha de ***blague***, até que elas desatarracharam a língua, o que não é muito difícil para raparigas que lá bem no fundo do seu coraçãozinho ingénuo pensam em nos dizer, empertigadas:

—A minha colega Greta Garbo...

....

Ora vamos lá ouvir as confidências inofensivas das pequenas...

Èlvia Coutinho

Seu nome de baptismo é Elvira, mas para cartaz a pequena não gosta de ser Elvira. Vasco Santana apadrinhou-a e chamou-lhe E'lvia. Não é feio e ela gosta. Está bém. Nasceu esta beldade em 19 de Agôsto de 1910. Tem, portanto, 23 anos.

E' um lindíssimo tipo de rapariga que nos lembra uma madona italiana. Olhos castanhos grandes e profundamente sonhadores. Morena. A expressão do sorriso, puro e diáfano traz-nos à lembrança Mona Liza, a que está no Louvre e Leonardo de Vinci pintou. Cabêlos castanhos claros. Nariz duma correção extraordinária. Uma das mais lindas pequenas da Tobis, em resumo.

—Qual era a sua profissão?

—Modêlo nos Grandes Armazens do Chiado.

—Porque veio para o cinema?

—Porque gosto. Juro-lhe que foi por uma vocação decidida.

—Já representou alguma vez?

—Já! Em palcos de amadores. Agora ando a filmar uma comédia de nome *A Nova Aurora* e faço uma rapariga americana, filha dum português rico.

—De quem é isso?

—Dum senhor chamado Eduardo Silva.

—Como foi ao concurso?

—Li no *Diário de Lisboa*, fui à Avenida entregar a fotografia e depois fui ao Automóvel Club. Aqui tem.

—Qual foi a sua disposição durante o concurso?

—Sorri muito. Vi que havia lá pequenas mais bonitas do que eu e tive mêdo de não ser aprovada.

E quando foi aprovada? — Ai se soubesse a alegria que senti! Sobretudo fiquei muito contente por o sr. Vasco Santana me encontrar habilidade para representar, dando-me muitos valores...

Qual a actriz de cinema que mais aprecia?

— Norma Shearer.

E qual é o seu actor preferido?

— Henry Garat.

— Que gostava a Elviazinha de fazer no cinema?

— Um grande papel de alta comédia Sinto-me para isso, não direi com muito talento, mas com uma vontade capaz de mover montanhas...

Ivone Fernandes

Uma das mais novas das raparigas da Tobis. Nasceu em 13 de Julho de 1918. 15 anos incompletos. E' um tipo feminino, de olhos e cabelo castanhos. Bonita a valer.

Responde, lépida, às nossas preguntas:

Gosto tanto do cinema que assim que vi anunciado o concurso pedi ao maestro Raúl Ferrão que me apresentasse.

— De onde conhece o maestro?

— Do teatro. Eu sou discípula.

—Sofreu muito durante o concurso?

— Não. Nunca tive mêdo. Confiei sempre no júri e em mim.

—Porquê?

— Entao sabe que é bonita...



Ivone Fernandes

— Não. Bonita não sou. Interessante, talvez. De maneira que as provas do concurso nunca me assustaram...

— Qual é o genero de cinema que mais aprecia?

— O género sentimental, amoroso.

— Qual é a actriz de cinema de quem gosta mais?

— De Greta Garbo.

— Porquê?

— Porque vejo nela uma artista de excepcional envergadura e porque me impressiona o extranho fluido do seu olhar mistério.

— Qual é o seu actor preferido?

—Henry Garat. Não é um sentimental, mas é do que eu gosto mais...

— Sua mãi gosta da carreira que vai abraçar?

— Imenso.

— Que papel gostaria de fazer?

— Gostaria de fazer uma rapariguinha amorosa, sentimental, cheia de ternura.

—Mas isso é um perigo, Vai receber uma infinidade de declarações de amor...

— Não me interessam por enquanto.

E num sorriso gaiato:

— Sou ainda muito nova e não é tão cêdo que os rapazes me apanham...

Coràlia Escobar

E' bailarina de profissão e como tal tem trabalhado no teatro. Tipo loiro acastanhado. Olhos azuis, ternos. Alta, elegante, bonita a valer, um certo ar romântico, quási triste.

Porque foi ao concurso do *Diàrio de Lisboa?*

— Eu estava no Apolo e nem sonhava em concorrer. Mas o sr. dr. José Galhardo influiu-me: — «Concorra, pode ser que seja aprovada.» E eu embora entendendo que não tenha jeito nenhum para o cinema, fui.

— E durante o concurso teve mêdo de não ser aprovada?

— Não. Não tive mêdo, porque nunca esperei que me aproveitassem.

— E quando foi aprovada?

— Fiquei contentíssima, tanto mais que ia trabalhar no primeiro filme sonoro feito em Portugal por compatriotas nossos.

— Gosta dos filmes cómicos ou dos sérios?

— Dos dois géneros, mas prefiro o cinema cómico.

— Entre os cinemas francês, alemão e americano, qual merece a sua predileção?

— O francês. Tem espírito e talento. E' em França que eu vejo os melhores artistas.

— Qual é a actriz de cinema sua preferida?

— Anny Ondra.



Deolinda Gonçalves, uma das mais gentis seleccionadas, na sua primeira «pose de publicidade»

(Foto Brasil)

— E o actor?

— Jean Murat...

— Gostava de fazer um filme com êle?

— Muito. Eu já lhe fui apresentada...

— O que gostava de fazer na *Canção de Lisboa?*

— Uma coisa cómica. Mesmo que o papel seja pequeno não me importa. O que eu que-o, desde que para êle vim, é entrar no cinema.

— Do que gosta mais: ser bailarina ou actriz de cinema?

— Actriz de cinema.

— Sua mãi gosta da sua nova profissão?

—Foi ela que mais me influiu a entrar no concurso quando eu lhe disse que o sr. dr. José Galhardo me tinha falado nisso.

— O seu apelido é espanhol...

Um engraçado gesto de contrariedade:

— Tôda a gente me chama estrangeira, lá por que o meu avô era espanhol.

Acredite que tenho raiva a mim mesmo. Se soubesse como eu gosto de ser portuguesa, o orgulho que eu tenho em ser portuguesa!...



CANÇÃO
dedicada a GRETA GARBO

Quem é que bate na Garbo?
— Quem é que pode tocar-lhe,
Literàriamente, é claro;
De outro modo,
Seria um crime,
Uma coisa —
Francamente lamentável.
Se bem que a mulher, às vezes,
Anda nervosa, anda instável,
E adora ser sacudida...

Mas a Garbo — êsse mistério,
Tem a calma doentia
Da magnólia combalida.

Não é fácil entendêl-a:
E eu que pretendo beijá-la,
Jamais pensei como e quando
E aonde é que eu hei-de vê-la.

ANTÓNIO BOTTO

UMA NOTICIA DE SENSAÇÃO!

Está constituído o BLOCO H. DA COSTA que vai produzir filmes portugueses de expansão internacional

Co gratulamo-nos por poder confirmar, fornecendo aos nossos leitores indicações inéditas e exactas, uma boa notícia vinda a lume numa entrevista recente: H. da Costa, o português a quem os cinéfilos tanto devem, vai iniciar a produção de fonofilmes portugueses, destinados a levar ao estrangeiro todas as nossas riquezas fotogénicas.

H. da Costa sempre entendeu o cinema como um espectáculo internacional e sabe que a sonoridade só aparentemente lhe diminuiu as suas possibilidades de expansão. A prova é que os *bons* filmes passam em toda a parte, não importando a língua em que falam os personagens.

Um outro princípio de H. da Costa, que reúne ao melhor e mais clarosentido comercial o mais apurado gôsto artístico, faculdades indispensáveis a um director de produção, é que o autodidatismo é uma doutrina que sai sempre muito cara e que nem sempre dá brilhantes resultados. Ninguém nasce ensinado e ainda não existem manuais de cinema sem mestre... O único processo seguro de produzir filmes de jeito é portanto utilizar técnicos experientes e de reconhecido mérito.

Ora acontece que, por agora, técnicos que satisfaçam tais requesitos só os há no estrangeiro. E' questão de ir buscá-los onde os há, pondo-os a trabalhar ao lado de rapazes portugueses com vontade e vocação, portugueses que serão os nossos técnicos de amanhã.

Foi o que fez H. da Costa. Constituiu um «bloco» que tem o seu nome e que é composto por cinematografistas que já prestaram as provas mais brilhantes. São êles — Max Nossec, realizador da nova escola alemã, de que ainda há poucos dias vimos um filme extraordinário: «Aldrabão á força», primeira e felicíssima tentativa europeia de cinema cómico à maneira americana; Heinrich Gärtner, primeiro operador de Richard Eichberg, que tem fotografado quási todos os filmes de Hans Albers; Mischa Spolianski, famoso compositor e adaptador musical, que compôs, entre outras, a partitura para o filme de Lilian Harvey «Cruzeiro de Amor»; Herbert Lippschitz, um dos melhores decoradores da U. F. A., especialista em construções para tomadas de vistas especiais (travellings aéreos, etc.); Erich Phillippi, cenarista, que está executanto actualmente para o realizador Turjansky a planificação de «La Bataille», de Claude Farrère.

O director de produção é, evidentemente, H. da Costa. O assistente geral é o nosso amigo e compatriota Arthur Duarte.

O «Bloco H. da Costa» vem realizar em Portugal uma série de filmes, o primeiro dos quais já se encontra completamente delineado e localizado, devendo a filmagem iniciar-se nos primeiros dias de Junho. Será dirigido por António Lopes Ribeiro, director do nosso jornal, e super-visado por Max Nossec. Ao lado de Heinrich Gärtner, actuarão os operadores portugueses Manuel Luiz Vieira e José Nunes das Neves. O assistente português será Júlio Vicente Ribeiro, sendo o filme administrado por Francisco Correia de Mattos, gerente da Agência Cinematográfica H. da Costa Lda.

Mais dois nomes: fala-se de Júlio de Sousa para compor a música e de António Botto para escrever a letra das canções.

Ainda não nos é possível dar ao nossos leitores a relação completa dos intérpretes. A protagonista será Melle. Nita Brandão, uma linda portuguesa que vive há alguns anos em Paris. O segundo papel feminino — uma actriz de music-hall — foi distribuido à vedeta austríaca Olly Gebauer, que foi Miss Viena 1930 e hoje é uma das artistas de cinema mais apreciadas na Alemanha. A seu lado, representando um pequeno papel, também entra no filme o célebre artista cómico Siegfried Arno.

Não está ainda assente quem interpretará o pirmeiro papel masculino. Podemos contudo garantir que êle será entregue a um português que nunca tenha representado nem cinema nem teatro. Em compensação, a primeira figura cómica será desempenhada por um conhecido artista teatral. Arthur Duarte também interpretará um dos papeis.

As tomadas de sons nas cenas exteriores serão feitas com aparelhos Lignose-Breusing, vindo para êsse efeito um engenheiro especialista.

O primeiro filme produzido pelo Bloco H. da Costa terá características essencialmente portuguesas, tanto pelo entrecho, como pelas figuras, as paisagens, a música, etc. Dados os elementos que asseguram a sua realização, não é temerário profetizar-lhe êxito absoluto.

E' preciso tirar por uma vez à produção cinematográfica em Portugal o seu aspecto de aventura. Arte precisa, o cinema pode prever-se, dominar-se, organizar-se de tal forma que os seus resultados não surjam com o aspecto agressivo das surprezas. Arte colectiva, não se conforma com individualismos enfatuados, com a doutrina fácil do «se-não-fôsse-eu». Exige a colaboração desinteressada de todos, sem melindres histéricos, susceptibilidades, ratices. Cada um tem o seu lugar, onde é insubstituível e indispensável. Não pode saír dêle; e, dentro dêle, necessita de dar com entusiasmo o seu máximo. A intriga de bastidor é fatal a qualquer iniciativa cinematográfica. O cineasta é, definição, um amigo da luz. Urge que seja por claro e franco como ela.

Arrostando com semelhante empreza, H. da Costa afronta corajosamente todas as dificuldades. Elas não são pequenas em si mesmas — mas insuficientes para abalarem a *carrure* do «português de Paris», como lhe chamam respeitosamente os que têm a sorte de conhecer e admirar H. da Costa.

Constituindo o seu «bloco», onde só figuram pessoas que lhe são inteiramente dedicadas, H. da Costa fez uma coisa que ha muito tempo devia ter sido feita: dar consciência colectiva à produção cinematográfica. O seu «bloco» será realmente a primeira pedra para uma produção portuguesa consciente e *continua*.

O filme que vai realizar não será o único. Procede desde já à elaboração metódica dum programa de produção. Ao primeiro seguir-se-ha um segundo, um terceiro, um quarto... — com a regularidade mecânica das coisas bem organizadas. Deve atingir-se já no próximo ano a média prevista de três grandes filmes.

Os técnicos estrangeiros que asseguram uma base sólida à organização H. da Costa vêm dispostos a ensinar aos seus colaboradores portugueses as tricas do seu ofício. Ensinamento mais eficaz do que se poderia colher lá fóra, onde há estúdios montados, pessoal habilitado, ambiente propício, — onde não falta nada, enfim. Aqui, onde falta tudo, há que criar tudo — para que fique e se aproveite.

Vai proceder-se a essa criação. Confiemos nela, certos de que o espírito brilhante e *net* de H. da Costa saberá cumprir fielmente, como sempre tem cumprido, as suas promessas arrojadas — mas sérias. H. da Costa tem a repugnância física da *fumisterie*, do falso valor, da verborreia empolada e insignificante. Homem de acção, sabe sempre o que quere e como quere. O seu nome à cabeça duma iniciativa desta ordem é, por si só, garantia certeira da vitória.

No próximo número de «Animatógrafo» daremos mais circunstanciados pormenores àcêrca dêste importantíssimo acontecimento, que marca certamente o início da fase mais interessante da história do cinema português.



Max Nossec dirigindo uma cena de «Aldrabão à fôrça»

"A IMPERATRIZ E EU"



VISTO POR *António Lopes Ribeiro*

O fonocinema alterou completamente a técnica da opereta. E' uma das fôrças do cinema, esa de deixar sempre sinais por onde passa. Vimos em Berlim, encenadas por Eric Charell, por Max Reinhardt; em Moscou, nos teatros de Meyerhold e de Nathalie Satz; em Paris, nos palcos do Pigalle, do Madeleine e do Atelier, peças de teatro—de bom teatro—em que o cinema marcara o seu estigma indelével. Lemos romances onde o estilo *découpage* aparece incisivo, na sua nudez matemática. Vimos quadros, em exposições, enquadrados como planos cinematográficos .. Desdenhando dêle, o teatro, inimigo próximo, a literatura, a pintura, — todas *as outras artes,* — bebem-lhe o sangue, o sangue puro, luminoso e claro que êle irradia generosamente dos ecrans.

As imagens sonoras rehabilitaram os moldes estafados da ópera-bufa, adaptando-os às exigências da objectiva — e às dos espectadores. Tornou natural a ocorrência inopinada, que chocava os puristas do espectáculo teatral, duma cançoneta ou dum côro. Porquê? Não será transigência de apaixonado confesso?

Não. A luz, gerando sombras e sons, harmoniza tudo. A música nasce espontâneamente, sempre benvinda, sempre a-propósito. E' mais uma imagem, que se *monta* como as demais. O filme musical sonhado por Emile Vuillermoz, não é uma utopia, Em nosso entender, já está realizado, Intitula-se — *A Imperatriz e Eu.*

Um filme musical. Musical pelo que se ouve e pelo que se vê. Embora sejamos refractários à comparação sistemática dos fenómenos cinematográficos com os fenómenos musicais (já escrevemos, a-propósito do *Milhão*, que é tão disparatado confundir a música com o cinema como a água com a electricidade), não negamos a afinidade, o parentesco natural das duas artes.

A Imperatriz e Eu foi dirigido por um músico. Um músico de bom ouvido e boa vista, que sente e compreende que um filme é, em última análise, um bailado, — bailado gigantesco, em que pode intervir a Natureza inteira.

O *libreto* da *Imperatriz e Eu*, não é genial, como nenhum *libreto* de bailado (os únicos geniais que conhecemos são as sinfonias grotescas de Walt Disney). O próprio Diagilew não passou do liroso *Espectro da Rosa*, do lúbrico *Après-midi d'un faune*, do imponente mas literário *Sacre du Printemps.*

Não me atribuam qualquer facciosa eliminação do génio do animador russo perante o do animador alemão. Erich Pommer tem o seu lugar, como Diaghilew tem o seu. Pretendemos apenas demarcar a posição da *Imperatriz e Eu* na história do cinema contemporâneo, monumento de bom gôsto e de equilíbrio técnico, em què se aplicaram todas as lições do *Caminho do Paraiso,* do *Milhão* e do *Congresso que dansa.*



Tudo no filme de Friedrich Holländer vem ao encontro da nossa sensibilidade: a composição das figuras, caricaturais sem prejuizo do rigor histórico da indumentária; o arranjo dos cenários, de puro estilo Segundo Império, mas com o confôrto visual dos interiores modernos; a interpretação, sujeita à mais humana fantasia, passando o preciso para o *lado de lá;* a música, embrechado das velhas e deliciosas melodias de Offenbach, de Lecoq e de Audran, num *arreglo* rapsódico que não irrita os convertidos ao *jazz:* a realização, enfim, onde a sátira, o idílio, a anedota e e o gôsto clássico se misturam nas mais felizes proporções.

Ora acontece que a *Imperatriz e Eu* é um filme interpretado por Lilian Harvey, Charles Boyer e Pierre Brasseur, três dos melhores artistas da Europa. Liliana, a dos olhos frescos e corpo de menino, Boyer, o homem da voz dolente, Brasseur, o bom rapaz reinadio.

Se me dissessem que havia quem não gostasse da *Imperatriz e Eu* — ficava desolado.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



NORMA SHEARER

diz-nos como um marido pode ser útil a uma mulher



Miss Boato tem tido vento favorável, nesta época movimentada. Lambe os beiços gulosos, pois saboreou dois bons bocados que nunca lhe tinha sido dado provar: Norma Shearer e seu marido, o *producer* Irving Thalberg. *Miss Boato* tem tagarelado indefinidamente sôbre oito pontos, a saber: que Norma e Irving planeiam retirar-se depois da sua viagem ao estranjeiro, renunciando de vez á vida do estúdio e indo viver para uma bucólica quinta onde criarão pintos, crianças e couves-flôres; que Louis B. Mayer está facilitando a subida do seu genro David Selznick ao lugar de Thalberg, e fazendo saír com o mesmo impulso êste último; que afinal não é nada disto, que Selznick está apenas substituindo Thalberg na sua ausência, por uma espécie *de entente cordiale* entre ambos; que Thalberg está gravemente doente; que Thalberg está de perfeita saúde; que Thalberg irá produzir por sua conta depois do regresso, com a sua mulher Norma por estrêla, para começar; que Norma, Irving e William Randolph Hearst planeiam uma combinação para passarem para a United Artists; que todos êstes boatos são bolas de sabão e que a verdade é apenas o que Norma e Irving dizem — que vão simplesmente tomar umas férias que lhes são muito necessárias para Irving se restabelecer da grave doença que sofreu ultimamente e que logo que cheguem voltarão para os braços da «Metro», onde tudo ficará como dantes. Os leitores podem escolher dentre êstes boatos os que mais lhes agradar.

*

Norma na sua linda casa da praia de Santa Mónica concorda plenamente e sem reserva com o último boato.

Diz Norma, sempre tão franca e expansiva — tanto quanto se atreve a ser a mulher dum *producer :* «Eu e Irving temos contratos a cumprir na «Metro». Por isso tencionamos voltar para lá quando regressarmos da Europa. Já se vê tinham que *existir* êstes boatos — você bem sabe como é Hollywood.

Tem havido sempre tantos boatos, que todos nós arranjamos uma espécie de imunidade contra êles. Tem havido boatos que se afirmam como factos positivos, a respeito da minha posição no estúdio, devido a ser a mulher de Irving. Crê-se que eu tenho a escôlha dos melhores argumentos, bastando apenas para isso levantar o meu «dedinho conjugal». Diz-se que apanho sempre o melhor bocado do manjar de Crawford e Garbo; que sou a menina bonita do papá e que o que se combina em casa, ao almôço, já se não pode desfazer no estúdio. Não é assim E' exactamente o contrário.

Se estivesse em qualquer outro estúdio, sem dúvida pediria muitas vezes argumentos que achasse bons para mim, escolheria papeis que eu gostasse de representar, faria por competir e defender os meus direitos tal e qual como os meus colegas. Nunca o fiz na «Metro» *devido à minha posição.* Não se pode fazer uma cêna com o marido *producer,* tal e qual como se faria ou só com o marido ou só com o *producer.* Aquêle pequenino traço de união entre o marido e o *producer, é a casca onde eu escorrego.*

Durante todo o tempo que estive na «Metro» apenas pedi um argumento: *A Divorciada.* De facto (para não parecer gabarola, o que felizmente se sabe que não sou) tenho deixado de desempenhar argumentos que me têm sido oferecidos, apenas com o receio que digam... exactamente o que a-pesar-de tudo dizem. Por exemplo, ofereceram-me *Reunion in Vienna* e eu disse a Irving que era tolice dar-mo. Queria que Garbo o fizesse e disse-o. Sabia que ela poderia dar tudo quanto o papel exigia, e eu não.

Em resposta aos boatos — continua Norma — muitas vezes tenho chegado tarde a casa, de volta do estúdio, e encontro Garbo à cabeceira da minha mêsa de jantar, em conferência com Irving e outros. Lá está sentada de pernas cruzadas, numa cadeira de espaldar, enquanto Irving e os outros convidados, e até os próprios criados quási se esquecem da minha presença, enlevados na grande estrêla que ocupa o meu lugar. Como o rebutalho do jantar que os criados se dignam dar-me, enquanto servem Greta.

Não, não me tem ajudado nada o ser mulher de Irving, pelo menos pela fórma que o público imagina. Porque eu não tenho deixado. Sabia que a má impressão que causaria eu tirar partido da minha posição, me faria mais mal do

(*Continua na pag. 18*)

Cinema
ESCOLA DE AMOR

por GUEDES DE AMORIM



Como declaram amôr os menos de vinte anos... (*Joan Marsh e Robert Yo*)

Eu sei, tu sabes, êle sabe, e talvez a «Venus da Costa do Sol» saiba também, que o Amôr é o assunto que a Humanidade, consciente ou inconscientemente, discute com mais ardôr, entusiasmo e fanatismo.

E tudo isto está bem. O Amôr é o Amôr. Cada minuto da nossa vida é uma taça que devemos levar aos lábios, que nos deve oferecer uma emoção inédita. O Amôr é o Amôr. Claro. Há por êsse mundo fóra, atravessando avenidas cosmopolitas, cortando ruas estreitas, trilhando caminhos, homens e mulheres que não têm ocupação, que não sabem fazer coisa nenhuma. Tudo isto é verdade, tudo isto o sabemos nós todos. E o Amôr é o Amôr. Nada mais claro, nada mais natural. Todos aquêles que não tem emprêgo nenhum, procuram colocar o tempo e a atenção com questões amorosas; todas aquelas que não têm um curso superior, claro está também, empregam-se nos escritorios do coração. Tudo isto, afinal, é muito natural. Seguindo, porém, esta lei natural, que é também vício universal, falta sómente averiguar como êles e elas amam nos tempos vertiginosos que vão correndo.

Quero ter a coragem de lhes declarar que em pleno seculo XX, ano 33, aqueles e aquelas que amam, por mais que o Cinema haja renovado os métodos afectivos, em pouco ou nada diferem dos nossos antepassados.



...e como o declaram os «*trintanários*».
(*Joan Crawford e Monroe Owsley*)

Eu bem sei que, actualmente, muitos rapazes elegantes, fanáticos colecionadores de filmes, discipulos das atitudes do *écran*, procuram dar novidade ás suas vozes afectivas, estilizar os seus anseios, renovar os seus processos de conquista. Mas não o conseguem, não o conseguem. A tradição pesa sobre os amorosos com a mesma fôrça innamovivel de uma doença, uma doença crónica ... Todos pronto dela se afastam, por mais que se esforcem ou por menos que o queiram, voltam sempre ao passado.

Um rapaz de vinte anos, aluno dos gestos de Ramon Novarro, quís imitá-lo ao longo da sua vida afectiva. Procurou amar sem psiquismos, sem lágrimas, sem dôres e inquietações. Não o conseguiu. Certa noite de luar, na balaustrada de um casino, aproximou-se da sua figurinha preferida, disposto a seguir «o método do seu mestre»: *o amôr vence por um ar subtil de indiferença...* Não o conseguiu, não o conseguiu. Ela, como que distraída, afastou-se para os seus aposentos. E êle, cinco minutos mais tarde, ajoelhava a seus pés, rememorando uma posição de seu pai e de seu avô, fazendo ouvir palavras molhadas de lágrimas e de súplicas.

O Cinema é um grande mestre, tanto como um curso superior, mas não consegue, não, anular certos defeitos de pieguismos que andam emboscados na alma de homens e mulheres, de rapazes e raparigas.

Um método sôbre a maneira de amar, mesmo sem ser novo, mesmo sem conseguir surpreender pessôa alguma, não teria actualidade, não teria oportunidade.

Quem ama fica ao sabor de uma corrente impetuosa, invencível.

Procede conforme as circunstâncias, procede conforme a mulher pretende, e nunca como o cinema manda...

Eu mesmo tenho um camarada, amigo intimo, que, apaixonado por uma rapariga de ombros egipcios, lhe segredou em certo momento de intimidade: «Tu beijas como beija a Marlene Dietrich». Fôra sincero, sincerissimo. Um dia depois, saturado de beijos e desencantado, confessava-me com igual sinceridade: «Tenho nojo daquela rapariga que me beijava cinematográficamente. Deixava-me tão mau gôsto na bôca...». Fadiga e desilusão? Certamente. Os mesmos sintomas, os mesmos resultados de sempre, de todos os tempos.

O Amôr é o Amôr. O Cinema é o Cinema. Entre êste, que é um mestre, e aquele, que é um vício, não pode haver entendimentos estreitos, nem jámais existirão relações que, partindo da imaginação, se adoptem á vida.

HAPPY END



(*John Boles e Bebe Daniels*)

Um milionário *yanquee*, apaixonado de Joan Crawford, procurou ama-la, a distância, do mesmo modo que ela é amada pelos galãs que com ela passam através dos filmes. Trabalho frustrado. Do á vontade passou ao ridículo; da serenidade passou ao desassocêgo; da adoração passou ás lagrimas. Procedeu, afinal, como se procedia há cincoenta, há cem anos...

Hoje, se quiserem, ama-se ainda como se amava ontem. Naturalmente, o Cinema procurou renovar o amôr. Sómente, contra todas as leis de evolução, o Amôr é que ficou fóra do cinema, a sorrir-se da sua nova caricatura...

GUEDES DE AMORIM

BERLIM E NEUBABELSBERG



O «Schloss», onde vivia o Imperador, em Berlim

VÃO SER VISITADAS POR UM LEITOR DE «ANIMATÓGRAFO» QUE A SORTE EM BREVE DESIGNARÁ

Só falta um mês. No dia 13 de Junho anda a roda e a Sorte, que é uma rapariga bonita e cheia de caprichos variáveis, aínda não sabe quem será o feliz assinante de *Animatógrafo* que deve fazer uma deslumbrante viagem aos estúdios da U. F. A. em Neubabelsberg. Só falta um mês e há aínda muitos leitores de *Animatógrafo* que não se decidiram a gastar a miséria de 16$00 para assinar a nova revista, habilitando-se assim sem mais trabalho e sem preocupações de adivinhar charadas, a ganhar algum dos valiosíssimos prémios que lhes oferecemos.

Se os nossos leitores reflectirem um segundo que seja, sôbre as vantagens oferecidas por *Animotógrafo* aos seus assinantes, verificarão que nenhuma outra revista portuguesa teve até hoje recursos para fazer qualquer coisa que se parecesse.

Realmente, se considerarmos que pelo simples facto de assinar *Animatógrafo* se adquirem não só probalidades inúmeras de ganhar algum dos prémios que anunciamos como aínda a faculdade de assistir de borla a todas as apresentações corporativas da Agência H. da Costa, chegamos facilmente à conclusão de que o dinheiro gasto na assinatura representa um esplêndido negócio para o assinante e não uma despêsa. Além disso, os números de *Animatógrafo* adquiridos por meio de assinatura custam apenas 1$20 em lugar de 1$50, prêço dos exemplares avulso.

E' preciso que se seja absolutamente desprovido de espírito prático para hesitar mais tempo em assinar *Animatógrofo.*

Se nós pudessemos assinar *Animatógrafo* já o tinhamos feito desde que foi anunciada uma viagem a Berlim, de graça, como primeiro prémio do nosso concurso.

Nós, os redactores de *Animatógrafo* somos infelizmente os únicos que não podemos ir a Berlim por êste inesperado processo. Que pêna! Resta-nos a consolação de sermos redactores da melhor revista de cinema.

Pensem um momento só na delícia duma despreocupada viagem a Berlim. Pensem que vão circular nos mesmos corredores onde circulam as melhores vedêtas do cinema europeu. Pensem que vão penetrar como em terra conquistada nos mais íntimos segrêdos da cinematografia, assistindo à filmagem dum grande filme internacional. Pensem... ou antes não pensem mais porque faz mal pensar em coisas tão bôas. Limitem-se a assinar *Animatógrafo,* aproximando-vos assim a passos de sete léguas, da mais luminosa das realidades.

Leiam bem a descrição dos prémios:

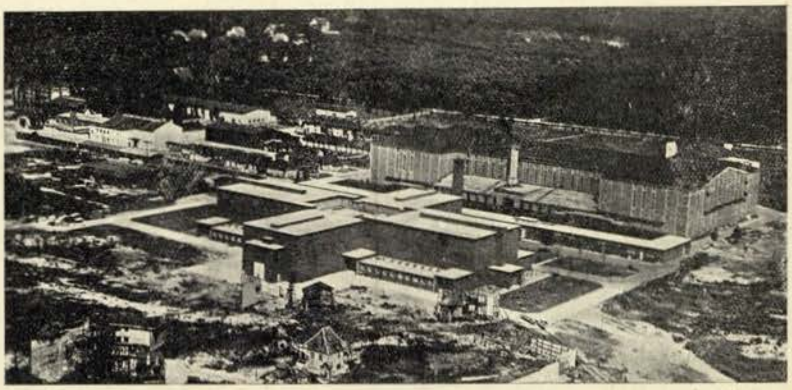
1.º PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTUDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande cinelândia europeia, prémio gentilmente oferecido pela Agência Cinematográfica H. da Costa, Ltd.

2.º PRÉMIO: Um receptor rádiofónico «Stewart-Warner» circuito super heterodino modêlo 1933, oferecido pela casa Valentim de Carvalho, Rua Nova do Almada, n.º 97.

3.º PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros, oferecido pela casa *Amador Fotográfico* de *Roiz Ltd.*, Rua Nova do Almada, 84.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além dêstes três prémios de primeiro plano, haverà mais duzentos prémios de consolação, constituídos por máquinas fotográficas. produtos de beleza da *Fábrica Nally,* discos, retratos autografados pelas grandes vedêtas do cinema, entradas gratuítas para os cinemas de Lisboa, do Pôrto e da Província, etc. etc...

NÃO SE ESQUEÇAM de que só falta um mês!...



Conjunto dos estúdios da U. F. A. em Neubabelsberb

CRITICA

14 de Julho

14 Juillet
de RENÉ CLAIR

14 de Julho é, indiscutivelmente, um dos poucos filmes da produção dêste ano que resistirá ao tempo, porque *14 de Julho* é um grande filme.

Há quem diga que *14 de Julho* é inferior aos outros filmes de Clair; que *14 de Julho* marca uma pausa na sua carreira; brilhante que *14 de Julho* poderia ser melhor, etc. Tudo isto são coisas que não nos interessam. Nem percebemos para que serve comparar o valor das obras dêste ou de qualquer outro autor, ou o que se ganha em tentar descortinar se determinado filme é ou não a obra-prima dêste ou daquêle realizador. Isso é trabalho que só se compreende e justifica depois de terminada a carreira da pessoa em questão — quere dizer, na maioria dos casos, depois da sua morte. Estamos daqui a vêr um qualquer crítico dramático de seiscentos sentenciando conspicuamente: «*Hamlet* promete-nos para breve a obra-prima do sr. William Shakespeare... Esta sua peça, embora revelando a sua garra, fica àquem do que era lícito esperar do seu talento...»

O que nos interessa em *14 de Julho* não é o que René Clair lá não pôs, o que dêle podia ter feito, ou o que era da esperar que dêle tivesse feito. O que nos interessa em *14 de Julho* é o que lá está, é o *14 de Julho* que René Clair fez.

Não sei. Esperávamos mais? Não senhor, não esperávamos coisa nenhuma — ou por outra, esperávamos um filme de René Clair. Ora *14 de Julho* não demonstra que René Clair deixasse de ser o René Clair que nós conheciamos — antes pelo contrário.

Pôsto isto, vejamos o que é o *14 de Julho*.

Um fio de novela sentimental que se desenrola nas ruas de Montmartre e que serve de pretexto para a apresentação de alguns tipos caracteristicos e para muitas *trouvailles*—cómicas, poéticamente imaginativas e técnicas. Não encontramos já no *14 de Julho* o estilo realista do *Sous les toits de Paris*, mas antes um «realismo estilizado», vertido em poesia, se assim se pode dizer. Para conseguir êsse «clima poético», Clair abrandou o ritmo geral da pelicula, de maneira que temos a impressão de que tudo se passa num mundo mais grave, mais leve; tratou tudo e todos com uma delicadeza inexcedivel de meios; criou, emfim, aquêle «ambiente René Clair» inconfundivel, mas nêste filme por uma forma mais absoluta do que em qualquer outro (exceptuamos o *Viva a Liberdade!* que não vimos).

A acção do filme é quasi nula, literáriamente quasi nula. O seu grande valor está na realização, na execução cinematográfica de semelhante assunto.

E isto é tão verdade que é impossivel dar uma ideia do que seja o filme, descrevendo-o, por mais pormenorizadamente que tal se fizesse. E' impossivel dar em palavras o efeito conseguido pelos meios cinematográficos—tal como os empregou Clair—ao descreverem os preparativos para a festa popular, por exemplo. E' que René Clair soube dar um tal valor ás coisas, soube tirar tais significados de pequenos pormenores, soube utilizar tão intencionalmente os recursos proporcionados pela técnica cinematográfica, que o seu filme é acima de tudo cinema, cinema do melhor, do puro.

E' notavel a delicadeza, a discrição com que Clair tratou o seu filme. Essa discrição revela-se tanto na cêna do entêrro, como naquela em que Pola Illéry tenta recuperar o seu *chauffeur*. A *maneira* de René Clair afirma-se em *14 de Julho* com uma segurança e um poder talvez ainda não igualado. Basta lembrarmo-nos das *trouvailles* cómicas e da forma como obteve o ambiente popular para que esta afirmação resulte necessaria.

E' de citar o comentário sonoro de todo o filme, o seu «fundo» sonoro um dos mais poderosos elementos para a criação do ambiente. Veja-se o efeito obtido com as *engueulades*.

De entre os tipos que aparecem no filme devem-se destacar o do *chauffeur*, o do ricaço bebado, o da florista. Mas todos os outros são excelentes. Quando se pensa na *concierge*, nos dois larápios, nos homens da orquestra, na família burguesa, não podemos deixar de os classificar igualmente de admiráveis. Mas os primeiros são os mais caracteristicos, os mais *clairianos*.

A interpretação é inexcedivel. Não podemos afirmar que êste vai melhor do que aquele—todos são perfeitos. Mas admiramos principalmente Paul Olivier, Raymond Cordy e Annabella.

Já que apontamos alguma coisa do que de ótimo encontramos no filme, devemos dizer que achamos fraca a ligação dos vários episódios, papel que competia à intriga amorosa entre Annabela e Georges Rigaud. Por vezes quási se vem a sensação de desconexo. Mas não é, de forma alguma, razão que obste a que consideremos *14 de Julho* um grande filme.

A Falsa Madonna

The False Madonna
de STUART WALKER

Não é dos piores o argumento deste filme, embora melodramático como os que o são. A figura principal é curiosa e a sua regeneração plausivel Essa mulher que se faz passar por mãi de um rapaz rico e cego, com a intenção de o vigarizar, mas que desiste da sua feia acção depois de conviver um tempo com êle, o que lhe permite apreciar o seu coração privilegiado —essa mulher, diziamos não é tanto uma figura literária como poderia parecer à primeira vista. O final da história é que é demasiado arbitrário : *c'est trops beau pour être vrai*.

A execução cinematográfica deste assunto — que, como vimos, já não era de todo desdenhável—acaba por o impôr. Não que seja impecável. Mas é suficientemente cuidada para que não se lhe devam negar elogios. Souberam muitas vezes dar mobilidade à máquina, e com acerto—o que neste género de filmes americanos é raro. Mas certas cênas podiam ter sido tratadas mais cinematográficamente.

Kay Francis compõe a figura da aventureira que o amor do pretenso filho regenera, e fá-lo de maneira convincente. E' uma das actrizes que maior emoção sabe dar à voz. William Boyd—o mesmo que faz o sargento Hogan dos *Diabos do Ceu*—e Conway Tearle desempenham com sobriedade os dois papeis masculinos.

Página de escândalo

Scandal Sheet
de JOHN CROMWELL

O jornalismo americano e o seu principal defeito são o assunto basilar dêste filme. Todos, pelo menos têm ouvido falar, nas caracteristicas insensatas que distinguem a imprensa americana: fúria desabalada de sensacionalismo, indiscrição impiedosa, exploração reles dos baixos instintos dos leitores. Esse «processo» jornalistico, generalizado por tôda a Norte América, é em *Scandal Sheet* apontado como o processo de um homem.

Esse homem — Georges Bancroft — editor dum jornal, não cede perante nenhum pedido, não atende a nenhuma consideração que lhe oponham para que tal ou tal noticia deixe de ser publicada.

Para êle só conta o interêsse jornalístico de uma reportagem ou de qualquer notícia. Que a sua publicação cause desastres irremediáveis, estrague futuros, aniqüile situações — isso é-lhe completamente indiferente.

Bancroft é casado — no filme, já se vê —com Kay Francis, que anda apaixonada pelo banqueiro Clive Brook. Isto fez com que o nosso homem se veja a certa altura prêso nas malhas da sua própria rêde. Essa «encravação» saboreia-se como uma vingança: a figura não se tornara simpática.

Tudo isto está bêm e tem lógica.

O filme, até aqui, condenou formálmente o sistema de jornalismo referido. Mas daqui em diante faz marcha atraz. São tantas as condescendências para com o jornalista que o efeito anterior é anulado. De modo que, chegado ao fim, o público fica um bocado desasado, sem saber o que há-de pensar. Teria a Paramount tido medo do omnipotente Hearst?...

Grande parte do filme passa-se na redacção do jornal. John Cromwell perdeu nessas cênas uma esplêndida ocasião para nos dar uma ideia do que seja a labuta febril de um grande diário americano e a vida esgotante e inglória dos seus *reporters*.

A pelicula está cheia de belos planos, iluminados impecávelmante.

Mas é todo êle de uma lentidão aflitiva, lentidão causada principalmente pela profusão e comprimento dos diálogos. Defeito da época da sua execução (1931).

Deve dizer-se que a realização prima pela segurança e bom-gôsto. Duvidamos sómente que um jornalista americano — por muito bom que seja — possa viver tão faustosamente como o herói do filme.

Bancroft e Clive Brook representam ótimamente, como sempre.

Mas já temos gostado mais de os ver. E palpita-nos que cada vez que os tornemos a ver-

Actualidades

Bastantes «actualidades» nos programas desta semana. Todos os programas, até, com «actualidades». Ótimo. E as «actualidades» não eram das piores. Regozijemo-nos.

A Paramount *apresentou dois jornais, e, com um pouco de condescendência, pode-se dizer que satisfaziam quási completamente.*

Vimos Trotsky em Pompeia, a festa de Sta. Catarina em Paris, sports *de inverno em St. Moritz, o «Conte di Savoia» a entrar em Nova York pela primeira vez, uns exercícios curiosos da policia montada americana, a inauguração da estátua de Clémenceau em Paris, etc. Alguns dêstes acontecimentos foram bem filmados e o melhor era o que focava Trotsky na sua excursão de turista burguês.*

O outro jornal era mais fraco, dum modo geral, mas, em compensação, foi nêle incluído a melhor de tôdas as «actualidades» da Paramount *desta semana: uma manifestação monstro a Mussolini, de grande interêsse quer para gregos quer para troianos.*

A Pathé *apresentou um jornal curto, mas com dois pequenos que merecem destaque: a venda da cer-*

VIMOS EM LISBOA...



Conway Tearle, Kay Francis e William Boyd na comédia dramática americana, «A Falsa Madona»



George Bancroft, Kay Francis e Clive Brook são os intérpretes do cine-drama «Página de Escândalo»



Annabella, Georges Rigaud, Pola Illery e Paul Olivier no filme de René Clair «14 de Julho»

TRAVELLING

O FIASCO DE RAMON

Como tôda a gente sabe, Ramon Novarro está em Paris. Veio como as outras estrêlas cadentes de Além Atlântico — que o são quási todas — para refrescar a bôlsa. E, como os outros, quiz mostrar-se ao bom público parisiense do alto dum grande Music-Hall.

Infelizmente, porém, o Rex — que, há meses produziu Jeanette Mac Donald, a sua eterna Canção de Granadeiros e os seus inquietantes dentes compridos — não achou positivamente interessante a exibição, no seu palco, de «Ben Hur» em jaquetão. Não porque Ramon careça de «sex-appeal», de certo modo. Mas talvez por uma questão de compostura. E assim, o protagonista de «O pagão» teve que enfrentar a luz da ribalta no «Alhambra», que é hoje, depois de remoçado no mais puro estilo moderno — rococó, um tranquilo cinema de bairro.

Esperava-se um sucesso monstro. Dizia-se que as mulheres de Paris — que são, como as suas irmãs de tôda a parte, as melhores obreiras dum êxito — iam inundar a ampla sala de espectáculos, na contemplação extáctica do novo Apolo. Que viriam, das mais reconditas provincias, comboios especiais duma feminina «ruée vers la Rue de Malte». Que a vasta e atinente «Place de la République» seria minúscula para conter os carros das Messalinas em delírio que assistiriam às jogosas «soirées» ao «Alhambra»...

Logo ao «première», repleta do «Tout-Paris» de todos os acontecimentos que prometem, Ramon Novarro fez uma impressão deplorável. Certo, já tôda a gente conhecia, pelo menos de tradição, os jeitos amaneirados do untuoso «jeune premier». Mas esperava-se «quelque chose de plus fort, quand-même», como se dizia nos corredores, entre casacas e decotes.

Breve, as mulheres viram que aquilo não dava nada. Os ademanes coleantes, as boquinhas preciosas do amoroso de «Mata-Hari» — que já dava aesta fita, ao lado do jôgo de Greta Garbo, não sei que se resaibo de «Mädchen in Uniform» — fizeram o efeito glacial de uma «douche». E a partir do dia seguinte, o escasso público que aplaudia com moleza as canções «à l'eau de rose» do doce Ramon, já era, na maioria, constituído pelos «habitués» do estabelecimento — bravos comerciantes do sítio, «chauffeurs» e as suas companheiras, várias dactilografas românticas e coridetas, etc. Só havia, como excrecência, uma legião tenaz de raparigas de idade indefinida, de físico amorfo e indumentária anodina, daquelas que o nosso vulgo diz que «ficam para tias...

Ah, perdão! : ainda aparecia uma certa percentagem de correspondentes de publicações longínquas e confidenciais, ávidos de entrevistas que o pobre Ramon, na sua febre de publicidade e perante a indiferença da imprensa parisiense, longe de negar, quási solicitava de tôda a gente. Pois que havia êle de fazer às belas frases bombásticas e ocas, que o seu «publicity man» o fizera decorar em Hollywood «ad usum Lutetia»? As lindas fotografias dedicadas em branco e revestidas de antemão daquela assinatura «Pires», numa letra muito certinha e muito característica?

A estas horas Ramon, que fala francês com deliciosa pronúncia galaica, deve achar, fazendo beicinho e bat ndo o pé, que Paris é «meuchant»... E na sua desventura é capaz de não encontrar quem lhe explique que, no seu caso, para triunfar na «Ville Lumière» é preciso pelo menos ter o talento de Mayol...

SIMÃO SEM-SAL

menos gostaremos. É isto porque, como os cristalizaram naqueles tipos que todos conhecem, já só fazem as mesmas coisas, o que acaba por cançar. Os americanos são especialistas nestas «cristalizações» e inutilizam com elas, lamentàvelmente, os esplendidos artistas que possuem.

O Dirigivel

(Dirigible)
por **FRANK CAPRA**

Um filme de 1931, mas que não deixa, por isso, de ser um ótimo filme. O argumento foca uma dessas histórias tão do agrado dos americanos, em que os feitos arrojados, as exibições da sua aviação naval, alguns desastres sugestivos e rasgos heroicos ditados pela amizade de dois homens, se entrelaçam hàbilmente.

Na cândida ilusão de que iriam assim prender mais a atenção do público, juntaram a tudo isto um conflito amoroso que não está mal alinhavado, mas que faz figura de intruso entre as aventuras básicas da acção. Tinha sido muito mais interessante mostrarem só a ansiedade das famílias dêsses homens audaciosos, durante as suas expedições temerárias—a anciedade de todos, a dôr daquelas cujos membros sucumbem, a alegria e o orgulho das que vêem um dos seus voltar coberto de glória, etc. O filme ganharia assim 80 o|o de humanidade.

A acção tem, por vezes, facilidades demasiadas. Mas isso só poderá inferiorizar o filme para os obsecados de realismo, para os cepticos impenitentes ou para os descrentes do acaso.

A realização é excelente. Quer as cenas do ar, quer as dos interiores, foram dirigidas com pulso. Os graudes *clous* do filme — naufrágio do dirigivel, incêndio do trimotor, a festa em Lakehurst — são esplêndidas *réussites* cinematográficas.

Alguns *long-shots* dentro dos hangares, de noite, em que só as figuras humanas estão inteiramente iluminadas, são planos que ficam.

Jack Holt, Ralph Graves, Hobart Bosworth e Fay Wray interpretam o filme e fazem-no por forma a só merecerem elogios.

Por tudo isto já viram que êste é dos tais filmes que não custa recomendar.

Maridos em Férias

(Husband's Holidays)
de **ROBERT MILTON**

Espanta que se obrigue um actor como Clive Brook a desempenhar argumentos como o desta pelicula.

Maridos em Férias trata um caso rebarbativo de infelicidade conjugal, interessante sob certo aspecto, mas demasiado literário — teatral, se preferem — para que a sua transposição cinematográfica se recomendasse.

O realizador tentou dar-nos em imagens o que o dramaturgo puzera nas réplicas. Mas, ou fôsse porque isso era impossivel ou porque de tal não foi capaz, o facto é que o conflito ficou todo nas palavras. E o andamento teatral, subsistiu, adivinhando-se até nas muitas entradas e saídas das personagens. O ambiente da acção, dado por meio de algumas figuras secundárias, interessa e diverte, por vezes.

Clive Brook desembaraça-se do seu papel com a mesma facilidade com que bebemos um copo de água. Mas continua muitissimo enjoado, e o caso não é para menos.

Ainda dão com êle em neurasténico.

Charlie Ruggles faz o bastante para nos convencer de que é um belo actor. Juliette Compton e Viviane Osborne ainda tem que aprender.

As legendas do filme saem fora do vulgar. São tão más que até nos arrepiaram. E nós não somos o Dr. Ricardo Jorge . . .

Diabos do Céu

(Sky Devils)
de **EDWARD SUTHERLAND**

Já aqui várias vezes temos escrito — e ainda a semana passada o afirmámos — que os americanos são inexcediveis na farsa.

Não há como êles para saberem arquitectar um *scénario* cómico.

Uma história simples mas movimentada, três ou quatro tipos caracteristicos, situações extravagantes mas claras, *gags* fundamentalmente visuais directos — emfim, um cómico essencialmente *fisico*, como já li algures.

Sky Devils veiu provar mais uma vez a justeza destas asserções. Do principio ao fim os mesmos «motivos» são aproveitados em sucessivas variações, sempre com a mesma felicidade. A' volta da cobardia dos dois herois, da «trouxice» de um, e da «lata» do outro, bordaram as mais impagáveis cenas que podem imaginar-se. Essas cenas sucedem-se num lógico encadeamento, sem desvios inùteis, em «crescendo». A todo o momento *gags* excelentes. Dentre êles podemos apontar alguns — verdadeiros modêlos de cómico cinematográfico: as evoluções destrambelhadas do avião de Charlie; a queda sôbre a ambulância, vítima da sua solicitude; a «ressurreição» castigadora do sargento (como um simples sôco pode ser significativo !); a perseguição do coronel pelo avião e o instinto que o leva a fechar a porta do casinhôto, como se isso dalguma coisa lhe servisse se a descolágem não se tivesse feito tão rápida; a cena da pedrada, os bombardeamentos, e quantos mais!

Edward Sutherland realizou o filme por forma tal que merece um bravo. Só estranhamos que em 1917 já se usassem fatos de banho do modêlo actual.

Algumas evoluções dos aeroplanos são espantosas. Os planos de conjunto foram aproveitados dos *Anjos do Inferno*, mas isso não se pode levar a mal.

Todos os interpretes são excelentes. Não sabemos o que mais admirar — se a prodigiosa naturalidade de Spencer Tracy, se a mascara extraordinária de George Cooper, Ann Dvorak e William Boyd, o das *Ruas da Cidade* tão bém quanto era preciso. E Billy Bevan, no coronel, salientou-se pela sobriedade com que soube compôr a sua cómica personagem.

D. M.



Spencer Tracy, Ann Dvorak, William Boyd e George Cooper no filme de avaição alegre «Diábos do Céu»



Clive Brook, Juliette Compton, Charlie Rugles e Viviane Osborne, na alta comédia «Maridos em Férias»



Jack Holt, Ralph Graves, Fay Wray e Hobart Bosworth no drama do ar «Dirigivel»



TEMOS RECEBIDO OS MAIS SIMPATICOS ELOGIOS AO NOSSO SERVIÇO DE CONSULTAS CINEFILAS E DE «POSTA RESTANTE». TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE*, : : *R. DO ALECRIM, 65-LISBOA* :

Correio dos Cinéfilos

DUQUE DE CHAMERACE—Lisbôa. Se o teu desejo é êsse, e concordando até certo ponto com as tuas considerações àcêrca dos bárbaros invasores, não tenho dúvida nenhuma em te não incluir no número dêsses *indesejáveis*; e para tua tranqüilidade dir-te-ei que sou do Sul . . . — A tua opinião pelo que respeita a essa casa é justissima, e todos nós a ela devemos estar agradecidos pelo bom que tem conseguido. Quanto aos tais boatos, deixa-os correr. Não fazem mal a ninguém . . . — Não quero deixar de te dizer que fiquei muito satisfeito com a tua carta, pelo equilibrio e o àvontade consciente com que aos assuntos de cinema te referes. Parabens. — Na secção respectiva encontrarás o que me pedes. E crê que tenho sempre grande prazer em lêr o que tu escreves.

AND SO ON—Lisboa—Para Jean Parker enderece para «Metro Goldwin Mayer Stduios, Culver City, Cal— Não se segue que por essa razão deixe de mandar fotografia.— O meu amigo é que tem razão; o galã de *Romance do Rio Grande* é de facto Warner Baxter; António Moreno era simplesmente o *vilão* da pelicula. — A Nancy Carrol escreva para o seguinte endereço «Paramount Studios» 5451. Marathon Street, Hollywood, Calif.—E estou sempre à sua disposição para quando necessitar saber qualquer coisa.

MARIA DO CÉU—Covilhã—Não pense numa coisas dessas, pois seria capaz de me zangar, e eu quando me zango sou muito mau . . . Não torne a dizer uma coisa dessas, pois que o prazer é todo meu.

—Para Charles Boyer, o admirável intérprete de *Traição* e de *I. F. 1 não responde*, enderece 6, rue Dante, Paris (5-e). Boyer que é também um artista de teatro, é sem dúvida um dos maiores artistas do cinema europeu.

Na *Imperatriz e Eu* tem êle uma actuação notável. — Basta mandar para a administração a importância respectiva.—E não deixe de voltar a escrever-me, não? . . .

DR. CELULOSE — Pôrto.—Essa página está desde inicio no nosso programa, e nela continuamos a pensar. Quando nos parecer oportuno iniciaremos a sua publicação e nessa altura poderá o amigo satisfazer a sua ambição.—A Lily Damita pode escrever para First—Warner Studios, Burbank, Calif.—*Mãos Culpadas, O Filho da India* e *Puro Sangue* são alguns dos filmes interpretados por Madge Evans.

UM DE COIMBRA — Coimbra. Sim, senhor. A sua assinatura pode começar nêsse como em qualquer número: — O seu pedido vem na Posta Restante de hoje.

X—Coimbra—Os nossos melhores agradecimentos, enigmático personagem, pelos seus tão cativantes elogios.—Nem Beatriz Costa nem tampouco Dina Tereza, pelo menos por enquanto, estão indicadas para o elenco da C. P. F. S.—Não, e a prova é que em *Canção de Lisboa* tomam parte nos principais papeis artistas de teatro.—Escreva a Brigitte Helm para U. F. A. Krausenstrasse, 38 — 39, Berlim W 19.

Retribuo com prazer o seu abraço.

O PRINCIPE NEGRO — *Lisboa* — Achei graça às suas considerações sôbre essas rapariguinhas. Eu não estive lá, mas calculo bem que tivesse sido assim — Espero que deva continuar a simpatizar com «Animatógrafo». Acho optima a sua abstinncia desses dois jornais — Na posta restante vem o seu pedido.

JOÃO SILVA SANTOS—*Arraiolos*. —Em qualquer altura o pode fazer. — Para Richard Barthelmess escreva para Warner—First Studio, Burbank, Calif. E' um dos poucos artistas que mantendo a sua posição de vedeta, resistiu à invasão do sonóro—Entre um e outro preferimos «Eu de dia e tu de noite»—Volte a escrever sempre que lhe apetecer.

MARIA JOÃO — *Vila Real* — Ouça Maria João, voce é injusta para com esse artista. Ele é mesmo um actor de real talento. Em todos os seus filmes—esse em que o viu é por pura coincidencia um dos mais fracos—tem tido interpretações de impecavel sobriedade e justeza. Quando aí fôr outro qualquer filme em que apareça, não deixe de o ir ver, pois pois tenho a certeza que modificará por completo a sua impressão.—E até breve.

JOÃO CABRAL DA SILVA—*Lisboa* — Pelo que vejo o amigo está sériamente apaixonado por Annabella. Achamos bem; o mais que lhe pode suceder é não receber resposta a tão inflamada carta; mas não; Annabella é uma rapariga encantadóra que não vai por certo contribuir para um suicidio . . . — Escreva-lhe para 19, rue de Chanzy, La Varenne—Saint Hilaire, França.

JOHN FISHER — *Coimbra* — Norma Shearer nasceu em Moutreal no Canadá a 15 de Janeiro de 1902. Está no cinema desde 1921 mas o seu prestigio vem sobretudo desde 1925. Está casada desde 1927 com o productor Irving Thalberg. — Agora está na Europa. Mas se é para conseguir uma fotografia dela escreva para Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif.—Estou certo que mandam.

—Para fazer a sua assinatura basta enviar a importância em selos ou vale do correio para a administração.

CLOTILDE MARTINS — *Gaia* — Que eu saiba isso não se podia dar. Seria exagero . . . Não pense pois em tal. O seu *Garatsinho*, como tão simpaticamente lhe chama, recebe correspondencia nos Fox Movietone Studios, 1401 North Western Ave., Hollywood Calif. — Já concluíu Adorable que estava interpretando ao lado de Janet Gaynor. — Presumo que não deixará de lhe mandar o retrato. — Creio bem que pudesse fazer boa figura ao lado das concorrentes da Tobis. Porque não tentou essa oportunidade? — Não deixe agora de voltar-me a escrever, não?

WEEK-END — *Estoril* — Tenho a certeza que há-de gostar muito de *14 de Julho*. E' em boa verdade um filme notável que não deve deixar de vêr quando tiver oportunidade de o ver. Pola Illery é, de facto, um caso sério . . . Tudo quanto dela lhe disseram é a expressão da verdade, acredite. — Sempre ás suas ordens. E' só o trabalho de escrever:

DR. CELULOIDE

Posta Restante

DUQUE DE CHAMERACE, nosso leitor de Lisboa gostaria de corresponder-se com *Violeta a dos olhos negros* e *Mary Light*.

VENUS DA COSTA DO SOL, deve ter recebido uma carta dêst nosso leitor, que já lhe enviámos.

UM DE COIMBRA, leitor de *Animatógrafo* na cidade dos doutores manifesta desejo de se corresponder por nosso intermédio com leitoras de 16 a 22 anos, àcêrca de cinema e sports.

X, domiciliado em Coimbra, pede-nos para que tornemos público o seu desejo de corresponder com leitora cinéfila de 16 a 18 anos.

O PRINCIPE NEGRO, de Lisboa, desejaria corresponder-se com leitoras de «Animatógrafo» e especialmente com *Venus da Costa do Sol*. Dirigir por intermédio do Dr. Celuloide.

Chiado Terrasse
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
30 % NAS MATINÉES DE
3.ª FEIRA, 16 ou 6.ª FEIRA,
19 DE MAIO

Central
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
4.ª FEIRA, 17 DE MAIO

Palácio
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
5.ª FEIRA, 18 DE MAIO

Central
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
6.ª FEIRA, 19 DE MAIO

Condes
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
25 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 20 DE MAIO

Olympia
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 20 DE MAIO

São João
(PORTO)
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 20 DE MAIO

Odéon
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
DE PLATEIA OU DE BALCÃO
EM TODAS AS MATINEES DA
SEMANA DE 14 A 21 DE MAIO
EXCEPTUANDO A DE QUINTA-FEIRA, 18 E A DE DOMINGO, 21 E PAGANDO APENAS
2$50

Norma Shearer

(Conclusão da página 12)

que o bem que me adviria de qualquer argumento ou papel que cubiçasse. Em todos os outros pontos Irving tem sido para mim um inestimável amigo. Tem-me ensinado coisas que sem êle levararia a vida inteira a aprender — pequenas coisas, como fazer-me ler em voz alta uma hora por dia, para conservar a minha voz maleável e forte.

Desejava que houvesse mais generosidade, mais camaradagem entre a gente do *écran*. Se pudessemos adquirir aquêle esplêndido sentimento especial que parece tão vincado nos outros campos, na ópera, por exemplo, como se viu na emocionante despedida de Scotti quando Lawrence Tibbett se levantou no seu camarote e cantou *Auld Lang Syde*, e todo o grande mundo da ópera, amigos de Scotti, ali estavam.

Há muito ciume em Hollywood. Uma estrêla vai para a estreia doutra estrêla, de olhos embaciados, sarcasmo nos lábios, regateando os aplausos àquela que sente ser sua competidora. Há muito receio entre nós. Não há o sentimento de que cada uma de nós pode ter o seu lugar e que, na verdade, não nos prejudicamos.

Irving tem-me ajudado também muito a conservar esta opinião. Tem-me feito vêr que, no grupo da Metro, nenhuma de nós realmente prejudica a posição de ninguém. Todos têm o seu lugar. Veja Garbo, Joan, Marion Davies e eu. Todas temos personalidades diferentes, perfeitamente àparte, sendo cada uma de nós capaz de ser e fazer coisas inteiramente diversas.

Gostaríamos, Irving e eu, de vêr crescer mais a duração dos filmes, uma terna e perdurável duração. Podia haver esta «permanência», como se dá na ópera, na literatura e com certas peças de teatro — representações que são como velhos amigos, dadas repetidas vezes e repetidas vezes vistas, fielmente, pelo mesmo público. O público não deixa de ir ouvir o *Fausto* por o ter já ouvido muitas vezes. O público não risca *Forsyte Saga* de Galsworthy, porque o leu há um ano ou dois. O público não fica em casa quando se representa *Romeu e Julieta*, por ter sido representado centos de vezes no passado. Gostaríamos que sucedesse o mesmo às fitas. Irving acha que há fitas de mais. Isto é um dos inconvenientes. Deveria haver menos filmes e cada um dêles digno de passar à posteridade.

Naturalmente haveria menos actores, mas também o seu êxito não findaria quando perdessem a mocidade. Assim como a Duse e Minnie Maddern Fiske e outras estiveram durante anos no teatro, assim algumas de nós continuaríamos dando aos espectadores o benefício do nosso talento amadurecido». Norma tomando calôr, entusiasmando-se com o assunto, continuou: «Tenho que rir um pouco do boato n.º 1 — que Irving e eu tencionamos retirar-nos e irmos gosar uma vida rural de descanso doméstico. Posso conceber uma vida assim para mim, mas o que não posso é imaginar o que semelhante vida seria para um homem com a terrível energia de Irving. Se eu dissesse que êsse boato é verdadeiro, que nós estamos planeando uma vida não profissional, em qualquer ponto isolado, eu ainda teria uma vida *profissional* porque, à falta de melhor expressão, faria *profissão* de ser uma bôa espôsa, uma bôa mãi, uma bôa dona de casa, enfim, uma bôa companheira. Nunca estaria inactiva. Trataria de fazer de mim uma pessôa que marcasse, como o procuro ser presentemente na minha vida profissional. Oh! saberia aproveitar bem o meu tempo como o sabe qualquer mulher que tenha marido, um lar e um filho. Em primeiro lugar, teria mais filhos. Apesar de tudo, tenciono pelo menos ter mais um, mais ou menos brevemente. Faria profissão de ser muito bôa mãi. Não como geralmente se pensa hoje. Mas uma mãi que fôsse animada, divertida e interessante para o seu filho. O ente que o orientasse e o compreendesse, a quem a criança se dirigisse para se guiar.

Estudaria francês e alemão, canto e piano. Jogaria a sério «tennis» e o «golf». Leria e iria a conferências e concêrtos, para que pudesse sempre ter conversa para os meus hóspedes, quaisquer que fôssem os seus interêsses na vida ou o ponto do mundo donde viessem. Acho que a nossa vida de sociedade é imensamente ôca, artificial e sem personalidade. Procuraria fazer reviver hábitos doutro tempo, do tempo em que as pessôas se reüniam à volta dum piano e cantavam canções. Faria reviver a velha arte da conversação. Procuraria passar sem o entretenimento do rádio, das orquestras alugadas e doutros aparelhos mecânicos. Procuraria ser eu própria que preenchesse êsses lugares e que os meus hóspedes contribuíssem com a sua parte. Seria uma dona de casa competente; estudaria a delicada arte culinária, afim de poder instruir uma cosinheira, se a tivesse, ou cosinhar eu, se a não tivesse. Faria apenas, mais zelosa e conscientemente, o que no entanto faço agora com os filmes. Não me sobraria o tempo, o que de resto nunca deve sobrar a nenhuma mulher».

São êstes os tais bons bocados com que a *Miss Boato* se entretem e as respostas a êles. Qual dos boatos é certo, ou se algum o é, só Norma e Irving poderão responder. Esta é que é a verdade indiscutível.

PENSE BEM

NAS VANTAGENS QUE LHE ADVÊM DE SER ASSINANTE DE

ANIMATÓGRAFO

CADA NÚMERO CUSTA LHE SÓ 1$20 EM VEZ DE 1$50.

FICA AUTOMÁTICAMENTE HABILITADO A TOMAR PARTE NO FORMIDÁVEL CONCURSO QUE DESTINAMOS *SÓ AOS ASSINANTES*.

TEM ENTRADA *GRATUITA* NAS APRESENTAÇÕES CORPORATIVAS DA AGÊNCIA CINEMATOGRÁFICA H. DA COSTA, ISTO É: VÊ DE GRAÇA, E ANTES DE TODA A GENTE, OS MELHORES FILMES DA TEMPORADA.

TEM DIREITO ÁS ARTISTÍCAS CAPAS PARA ENCADERNAR CADA SEMESTRE.

TEM A PREFERÊNCIA EM TODAS AS INICIATIVAS, ESPECTÁCULOS, DESCONTOS, ETC.

CRITICA

Conclusão da página 15

veja na América e um portentoso exercício da aviação francêsa.

H. da Costa *exibiu três das suas revistas-mundiais Nos. 25, 28 e 30. Não eram de entusiasmar, mas qualquer delas compreendia um dos dois acontecimentos dignos de suscitar interêsse. Assim na 25 vimos a comemoração em Berlim do soldado desconhecido alemão — uma grande parada a que Hindenburgo, Hitler e outras personalidades passaram revista e uma curiosa festa em Ponti (Itália). Na 28 mostraram-nos alguns aspectos da catedral de Colónia e do desafio de* foot-ball *França-Alemanha, e na 30 um desfile dos automóveis «Benz», desde os primeiros tipos de 1900 até aos actuais, do mais curioso que se pode imaginar. Uma autêntica retrospectiva do automóvel.*

Emfim, esta semana não foi daquelas em que houde maior razão de queixa. Mas ainda não podemos dar-nos por satisfeitos.

Desenhos animados

Bercunse Russa *de Irving Berlin, em desenhos-animados de Fleischer—Dos mais interessantes e engraçados comentários animados duma composição musical que temos visto. Muita imaginação aliada a uma segura técnica. O* gag *da criança, da mãi que a embala e do gato, cheio de graça.*

Depois do baile, *dos Fleischer também. Igualmente um comentário desenhado duma canção. Muito inferior ao primeiro.*

Culturais

Jogos aquáticos *de Graham Rice. Admirável e curiosissimo documentário da natação. Impecávelmente realizado e com uma fotografia excepcional. Vemos vários animais nadarem e algumas mulhéres e homens — de dentro de água, ou melhor talvez, de debaixo de água. Um filme que merecia palmas.*

Farsas

O Oráculo (See Soldiers Sweeters) — *Realizada por Harry J. Edwards, com Slim Summerville e Eddie Gibbon — O corneteiro e o sargento no Sião ou na Indochina, a menos que não seja noutro sítio. Uma das boas farsas dêstes cómicos. As scenas do templo são felicissimas.*

O Amor no Saco (In the bag) — *Realizada por Harry J. Edwards, também de Slim e de Eddie — Esta farsa não se passa em nenhum país exótico. Passa-se no caminho, a bordo de um transporte de tropas, quere dizer, desta vez procuraram variar e souberam fazê-lo. Slim com imensa graça em duas ou três situações apertadas.*

Documentários

A pesca do Sável — *Operador Adolfo Quaresma — má fotografia é mediocre exposição do assunto. As legendas cheias de pretensões descabidas.*

Ribatejo, *da Lisbôa Filme — Direcção de Adolfo Coelho — Operador Cesar de Sá — Documentário interessante sôbre as principais regiões produtoras de trigo. Algumas lindas fotografias e alguns planos que se não justificam. Quere-nos parecer que êste documentário já foi apresentado noutro cinema. Mas, dado o seu caracter, a reexibição explica-se de certo modo.*

Tomar, *da Lisboa-Filme — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Alguns esplêndidos enquadramentos, várias fotografias bonitas e muitas coisas já vistas e revistas. Há uma roda de azenha no rio Nabão que não há operador que a falhe . . . Por isso já toda a gente a conhece de gingeira. Mal sabe ela quanto é popular . . .*

Sinfonia de Imagens — *da Ulyssea Filme — Operador Adolfo Quaresma — Estamos convencidos que êste filme representa um esfôrço de originalidade, de que o seu autor procurou fugir à rotina. Mas não foi feliz. O seu filme dá a ideia de que o sr. Quaresma tinha lá em casa vários bocadinhos de película impressionada aqui e ali e que resolveu aproveitá-los colando-os uns aos outros.*

E se aquilo é uma sinfonia de imagens, para quê as legendas: «uma árvore sêca», «uma palmeira a abanar», «imagens diversas», ou coisas parecidas?

D. M.

ANIMATOGRAFO — ANO I — NÚMERO 7

Lisboa, 15 de Maio de 1933

PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS

Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO — Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA

Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Impressão: — Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de BERTRAND IRMÃOS

Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. — TELEF. 2 1276 — Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO

ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA — **Preço 1$50**



A NOVA DESCOBERTA DE FRITZ LANG

O «Testamento do Dr. Mabuse», a nova e formidável realização do mestre de «Matou!», vai decerto chamar a atenção dos cinéfilos portugueses para a gentilíssima Camilla Spira, que interpreta, ao lado de Wera Liessan, um dos primeiros papéis femininos. Vamos contudo ter ocasião de admirá-la noutro filme: *Triste vida a do soldado*, um filme alegre, divertidíssimo, interpretado por um cómico excelente, Fritz Schultz, por Hans Adalbert von Schlettow e Ida Wüst



DORVILLE E CHALIAPINE NO ASSOMBROSO FILME DE G. W. PABST «D. QUIXOTE», EM QUE INTERPRETAM AS DUAS IMORTAIS FIGURAS DE CERVANTES: O CAVALEIRO DA TRISTE FIGURA E O SEU ESCUDEIRO